



(DES)ARRUMAR A CASA, (DES)ARRUMAR O PAÍS: um Brasil do futuro¹

(DIS)ARRANGE THE HOUSE, (DIS)ARRANGE THE COUNTRY: a Brazil of the future

(DES)ARREGLAR LA CASA, (DES)ARREGLAR EL PAÍS: un Brasil del futuro

Pedro Henrique Alves de Medeiros² & Edgar César Nolasco³

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura comparatista entre os governos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) e do atual governante Luiz Inácio Lula da Silva (2023) a partir da

¹ Tendo em vista que ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em 2021, julgo necessário pontuar que este trabalho foi pensado e escrito no ano de 2023 considerando a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais concorridas contra o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022). Tal justificativa se faz necessária, uma vez que demarco o recorte temporal supracitado no intuito de não abrir mão das minhas inscrições e experiências biolocalis: primeiro, atravessadas pelo governo de Bolsonaro; depois, pela vigência da atual presidência de Lula.

² Pedro Henrique Alves de Medeiros é Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5872-1626>. Email: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

³ Edgar César Nolasco é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), orientador e coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: ecnolasco@uol.com.br.

crítica biográfica fronteiriça com foco no conceito de ética política descolonial. Isso posto, a leitura *outra* aqui descortinada se circunscreve pelo projeto maior de doutoramento assentado na conceitualização de um “Brasil do pretérito imperfeito” tomando como premissa teórica as reflexões do ensaísta Silviano Santiago bem como as perspectivas epistemológicas da descolonialidade. Dentre os intelectuais que sustentam esta discussão, a exemplo, cito: Walter Mignolo, Enrique Dussel, Boaventura de Sousa Santos, Facundo Giulliano, Heloisa M. Starling, Miguel Lago, Newton Bignotto, Ramón Grosfoguel e Rita Segato. Por fim, o debate em cena se direciona a comparar e problematizar ambas as presidências com base em suas políticas governamentais entrecortadas pela aproximação ou pelo distanciamento de uma ética da libertação dos excluídos e em prol da diversidade como único projeto “universal” possível (MIGNOLO, 2015) (DUSSEL, 2012).

Palavras-chave: Crítica biográfica fronteiriça; Brasil; Silviano Santiago; Bolsonaro; Lula.

Abstract: This paper proposes a comparative reading between the governments of former President Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) and the current governor Luiz Inácio Lula da Silva (2023) from the biographical frontier criticism focusing on the concept of decolonial political ethics. That said, the *other* reading here is circumscribed by the larger doctoral project based on the conceptualization of a “Brasil do pretérito imperfeito” considering the reflections from the essayist Silviano Santiago as well as the epistemological perspectives of decoloniality. Among the intellectuals who support this discussion, for example, I quote: Walter Mignolo, Enrique Dussel, Boaventura de Sousa Santos, Facundo Giulliano, Heloisa M. Starling, Miguel Lago, Newton Bignotto, Ramón Grosfoguel and Rita Segato. Finally, the debate on the scene aims to compare and problematize both presidencies based on their governmental policies intertwined by the approach or distancing of an ethic of liberation of the excluded ones and for diversity as the only “universal” possible project (MIGNOLO, 2015) (DUSSEL, 2012).

204

Keywords: Biographical frontier criticism; Brazil; Silviano Santiago; Bolsonaro; Lula.

Resumen: Este trabajo propone una lectura comparativa entre los gobiernos del ex presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) y el actual gobernante Luiz Inácio Lula da Silva (2023) a partir de la crítica biográfica fronteriza con foco en el concepto de ética política descolonial. Eso puesto, la lectura *otra* aquí develada se circunscribe por el proyecto mayor de doctorado asentado en la conceptualización de un “Brasil do pretérito imperfeito” tomando como premissa teórica las reflexiones del ensayista Silviano Santiago así como las perspectivas epistemológicas de la descolonialidad. Entre los intelectuales que sostienen esta discusión, por ejemplo, cito: Walter Mignolo, Enrique Dussel, Boaventura de Sousa Santos, Facundo Giulliano, Heloisa M. Starling, Miguel Lago, Newton Bignotto, Ramón Grosfoguel y Rita Segato. Finalmente, el debate en escena se dirige a comparar y problematizar ambas presidencias con base en sus políticas gubernamentales atravesadas por el acercamiento o por el distanciamento de una ética de la liberación de los excluidos y en favor de la diversidad como único proyecto “universal” posible (MIGNOLO, 2015) (DUSSEL, 2012).

Palabras clave: Crítica biográfica fronteiriza; Brasil; Silvano Santiago; Bolsonaro; Lula.

Governos autoritários gostam de trancar a porta da frente e arrumar a casa. É a maneira que encontram para, disciplinarmente, mostrar serviço. A casa continua a mesma na sua essência, mas a aparência é outra. Deslocam móveis de um cômodo para outro, levantam paredes para dividir quartos, põem trancas nas janelas, mandam pintar paredes e porta – são tarefas que dão a impressão de que o dono está ocupado e atento aos problemas da casa. Mas tudo é questão de *glamour* e não de necessidade. Um olhar mais crítico percebe que o movimento dos habitantes da casa continua o mesmo. Não houve melhoria de vida para eles. Apenas passaram a funcionar movidos pela força da limpeza e da disciplina.

Silvano Santiago. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65, grifos do autor.

Vingança, perseguição, violência, cadeia, assassinato: são as armas utilizadas pelos mandões como mecanismo de persuasão. Ver reduzidas até a morte as nossas possibilidades de atuação política, acabamos por acreditar ou nas manhas do Destino ou nas mãos todo-poderosas de Deus. Se Destino houver, ele é trançado pelas artimanhas da vingança dos homens; *se Deus todo-poderoso houver, ele é de carne e osso, e mais: tem um revólver na mão.*

Silvano Santiago. *Em liberdade*, p. 33, grifos meus.

[...] os direitos sociais exigem políticas públicas que permitem às sociedades democráticas reduzir ou eliminar excessos de desigualdade e estabelecer um patamar mínimo de bem estar para todos. O reacionarismo, por sua vez, está disposto a dismantelar a qualquer preço um modelo de Estado assistencial fundado nos direitos sociais. Onde os outros veem políticas de bem-estar social, o reacionário só enxerga o que afirma ser seu efeito perverso: essas seriam políticas que incentivam a população pobre a se acomodar à própria condição de penúria para recorrer a ela.

Heloisa M. Starling. Brasil, país do passado, p. 81.

Escre(vi)vo situado em 2023, em um tempo *outro*, pós-pandêmico, de teorização, isto é, arregimento-me não mais unicamente na revolta partir dos entreveros de meu biolocus enquanto pesquisador fronteiriço e assujeitado homobiográfico em posição absoluta contrária às despolíticas modernas, coloniais e hipercapitalistas endossadas pelo Bolsonarismo. Mas, sim, no sentimento latente

de esperança expresso nos dizeres de campanha, “Brasil: união e reconstrução”⁴, do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, vencedor das eleições presidenciais ocorridas em outubro de 2022. Por isso, denomino este texto “(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país: um Brasil do futuro” evocando multiplicidades de campos críticos e semânticos possíveis apregoado nos últimos anos deste Brasil em ruínas o qual eu e meu co-partícipe Silviano Santiago nos empenhamos em (tentar) problematizar os grilhões de suas imperfeições pretéritas⁵ ostentadas na realidade virulenta que permeou nossas *práxis* do pensar/viver sob o peso da matriz colonial de poder entrecortada em nossas corpo e geo-políticas das exterioridades.

Nessa esfera, o recorte temporal citado (2023) se justifica especificamente pelo presente político que permeia minha escrita, sobretudo, se considerarmos que nossa *casa*, isto é, nosso Brasil, *estivera desarrumado*⁶ como nunca nesses quase infindáveis quatro anos em prol de um *projeto de poder orientado pela destruição*⁷ e pela automanutenção hegemônica das elites. Agora, direciono-me à esperança da reorganização por intermédio do novo governo que se diz comprometido com a redução das desigualdades, da fome e das opressões às dissidências. Feito tal apontamento geral, no que compete ao título mencionado, pressuposto por uma ética política descolonial, conceito pujante desta discussão, estabeleço, a partir dele, duas relações de ordem intertextuais e duas de baliza política.

206

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/governo-federal-lanca-manual-da-sua-nova-marca-brasil-uniao-e-reconstrucao>

⁵ O termo “imperfeições pretéritas”, neste contexto, é uma referência direta ao conceito de “Brasil do pretérito imperfeito” desenvolvido por mim em nível de doutoramento a partir do intelectual Silviano Santiago e da crítica biográfica fronteira. Em linhas gerais, essa perspectiva *outra* de Brasil defende a ideia de que, mesmo transcorridos mais de quinhentos anos do colonialismo europeu nestes trópicos, ainda assim, continuamos a experienciar em nossos corpos e mentes o peso da colonialidade renitente através de sua matriz hegemônica de poder assentada no capitalismo, imperialismo, racismo, patriarcado etc.

⁶ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

⁷ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

A princípio, com o ensaio “Arrumar a casa, arrumar o país”, publicado em 1982⁸ de autoria de Silviano Santiago, e “(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país”, de 2023 do professor Antonio Brasil Jr. da UFRJ. Ademais, fazendo jus a minha formação de professor de literatura com perspectiva comparatista em universidade periférica exteriorizada em detrimento aos centros nacionais (UFMS) e membro de grupo de pesquisa com mesmo enfoque (NECC), estabelecerei contraposições, pelo respaldo da crítica biográfica fronteiriça, entre os últimos governos presidenciais, de Bolsonaro a Lula, atravessado, como condição basilar, pelas tessituras epistemológicas do que o pensamento *outro* imbuído neste trabalho conclama de ética política descolonial, ou seja, no para além dos binarismos modernos de *esquerda, direita, marxismo, liberalismo ou quaisquer princípios que se autoproclamem universais*⁹.

No bojo do diálogo estabelecido entre a teorização *outra* aqui delineada e o intertexto com o ensaio citado, publicado há mais de quarenta anos pelo mineiro, faz-se pujante questionar: como essa “arrumação da casa”, vulgo país, perfilou-se quatro décadas *a posteriori*? E, ainda, tendo em vista o contexto histórico da época, pós-ditadura militar, de que forma as estruturas políticas autoritárias e éticas do Brasil se transformaram? Tais indagações serão, na medida do possível, respondidas neste trabalho, todavia, friso o intento de que, mesmo partindo do texto mencionado de Silviano, nossas formulações conceituais se coadunam por perspectivas distintas, uma vez que a condição teórica *sine qua non* deste debate é eminentemente crítica biográfica fronteiriça, descolonial e pós-abissal, à revelia das visadas tradicionais de Silviano. Com isso, demarco meu arcabouço epistemológico *outro* a fim de avançar o pressuposto pelo intelectual nos fins do século XX, imbricado pelo tempo que atravessa minhas *práxis* do viver e do pensar e na alcunha de uma “rearrumação” da dita “casa”, pretérita, presente e imperfeita, *suleado* por aquilo que desenvolverei aqui enquanto uma ética política descolonial por excelência.

⁸ O ensaio mencionado foi publicado por Silviano Santiago em seu livro *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais* de 1982.

⁹ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

Assim, fica expresso como o “falso Messias” acabou por *(des)arrumar a casa, (des)arrumar o país*¹⁰ *desconstruindo* (ou destruindo, nos meus termos) *muita coisa*¹¹ *ao ter como único objetivo o aniquilamento*¹², *dado que um projeto para o Brasil não era o intuito do seu desgoverno*¹³. Pelo contrário, para o então presidente: “O Brasil não é um terreno aberto, onde nós pretendemos construir coisas para nosso povo.”¹⁴, “Nós temos é que desconstruir muita coisa, desfazer muita coisa para depois recomeçarmos a fazer.”¹⁵ e ainda “Que eu sirva para que, pelo menos, eu possa ser um ponto de inflexão, já estou muito feliz.”¹⁶. De fato, o Bolsonarismo descortinou em nós, especialmente críticos biográficos fronteiriços, um ponto de inflexão *outro* a partir do qual ensejamos nunca mais regressar: um Brasil, já sinalizado por Silviano, dotado de imperfeições pretéritas, cooptado pela matriz colonial de poder, *onde as ideias e as pessoas estão em estado de putrefação*¹⁷ ética destituídas de quaisquer pressupostos de um bem-viver ou fazer comunal dignos a todos sem reticências, sobremaneira, às exterioridades corpo e geo-políticas.

Ao *(des)arrumar o país*¹⁸ à maneira de sua casa, haja vista a quantidade de escândalos¹⁹ envolvendo a família Bolsonaro em diversos aspectos da vida

¹⁰ O uso do *(des)arrumar* neste contexto se dá através de duas razões: primeira, a partir de um intertexto com “*(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país*” do professor Antonio Brasil Jr. da UFRJ. Segunda, no intuito de realizar um jogo linguístico com os termos, visto que, em uma visada ética, espera-se que o presidente do país trabalhe em favor de “arrumar” o país, lidar com seus problemas e reduzir as desigualdades renitentes. Todavia, no que tange aos quatro anos da governabilidade bolsonarista (2018-2022), da minha óptica, desvelou-se o oposto a isso, ou seja, a desarrumação abissal e o aprofundamento das heranças coloniais, sobremaneira, orientadas pela lógica da interioridade sem precedentes.

¹¹ BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 07.

¹² BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹³ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁴ BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁵ BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁶ BOLSONARO *apud* BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁷ FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 186.

¹⁸ JR. *(Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país*, s/p.

pública política e privada, o Bolsonarismo apregoou seu feito: *pela primeira vez na história do Brasil faltou um projeto de futuro, algo deu errado e o plano de poder exercido sustentou uma empresa pujante de destruição nos levando a crer que o então governo sabia o que queria e se utilizava da desconstrução (ou destruição) como método de governabilidade*²⁰. De modo como afirmou Silviano na égide de sua ironia latente: *o futuro do Brasil só a Deus pertence, à revelia da profetização do escritor austríaco Stefan Zweig, pois o Brasil era de ordem do pretérito imperfeito*²¹. Nesse viés, ressoa o já constatado: *o futuro sempre adiado do Brasil*²² através da persistência incessante das desigualdades cujas *práxis* políticas de eliminação parecem nunca serem suficientes para findarmos nossas heranças coloniais²³.

Então, o Bolsonarismo acabou por fincar em nós uma óptica de que *a cada dia há mais (falso) passado e menos futuro*²⁴. Como delinear um porvir diante de

¹⁹ No que compete aos múltiplos escândalos envolvendo Jair Bolsonaro e sua família, listo abaixo alguns dentre os infundáveis exemplos os quais poderiam ser aqui arrolados:

“17 escândalos de corrupção do governo Bolsonaro”. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/10/06/17-escandalos-de-corrupcao-do-governo-bolsonaro/>.

“Filhos de Bolsonaro racham após escândalo de Jair Renan”. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/filhos-de-bolsonaro-racham-apos-escandalo-de-jair-renan#google_vignette.

“As acusações e suspeitas que pairam sobre a família Bolsonaro”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c99n52wrldno>.

“Percepção da corrupção: lembre escândalos do governo Bolsonaro”. Disponível em: <https://pt.org.br/percepcao-da-corrupcao-lembre-escandalos-do-governo-bolsonaro/>.

“Em poucos dias, pelo menos três escândalos de corrupção da família Bolsonaro vieram à tona”. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2023/05/em-poucos-dias-pelo-menos-tres-escandalos-de-corrupcao-da-familia-bolsonaro-vieram-a-tona/>.

²⁰ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

²¹ SANTIAGO. Nó, nós, p. 171.

²² BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 194.

²³ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 22.

²⁴ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 17.

tantas atrocidades cometidas nos últimos quatro anos legitimadas pelas instituições, em tese, reguladoras da presença incontestada das ditas “bases democráticas”, pela incapacidade da justiça e da “lei” em punir os crimes de Bolsonaro contra os cidadãos brasileiros, pelas indústrias midiáticas pulverizando de todos os lados e fronteiras as *fake news* introjetadas por uma *gramática de poder*²⁵ absolutamente específica, pela subserviência de médicos bolsonaristas a condutas nada comprovadas de mitigação do coronavírus, até aquele momento, desconhecido, ocorrendo na marca de 600 mil mortos pela doença²⁶, enfim, a lista é interminável. Contudo, não me rendi ao pessimismo de estagnação, direcionei-me à esperança pressuposta, no mínimo, por uma ética política *outra*, pois, assim como a pandemia se encerrou, a hecatombe do desgoverno bolsonarista também, sendo derrotado no segundo turno por Lula eleito com 59.563.912 votos²⁷ de brasileiros comprometidos *não com uma questão de glamour, mas de necessidade*²⁸, à la Silvano na epígrafe aposta.

Nesse intento, ainda pela percepção *outra* de que *a casa continuou a mesma, não houve melhoria de vida* para os grupos minoritários e vulneráveis do país, *apenas passaram a viver pela força da limpeza e da disciplina*²⁹ autoritária, militarizada e hipercapitalista, assim como pelas ego e teopolíticas bolsonaristas interceptadas pela matriz colonial de poder. Enquanto um governo apregoadado à agenda autoritária, o Bolsonarismo, à moda das epígrafes reproduzidas, *trancou a porta da frente* e, supostamente, *“arrumou” a “casa”* por intermédio *da vingança e da perseguição enquanto mecanismos de persuasão*³⁰ e governabilidade. Dessa forma, caso nos rendêssemos ao pessimismo latente com base nos últimos quatro anos de um Brasil imperfeito e desgovernado, acabaríamos por acreditar *ou nas manhas do “destino”*, revestido de egopolíticas, em absoluto, específicas, ou nas

²⁵ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²⁶ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

²⁷ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil>.

²⁸ SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65.

²⁹ SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65.

³⁰ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 33.

mãos “*todo-poderosas*” de um único Deus³¹, de baliza pseudo-universal, atravessado por uma teopolítica neopentecostal sobressalente aos nossos olhos.

Subvertendo o expresso pelo mineiro no excerto epigrafado de *Em liberdade*, publicado em 1994 enquanto diário ficcional do escritor Graciliano Ramos pelo atravessamento do governo autoritário de Getúlio Vargas no ano de 1937, experienciamos a união pujante entre o dito “destino”, *trançado pelas artimanhas da vingança dos homens, e a imagem de um “Deus” não celestial, mas de carne e osso portando um revólver na mão*³² ao bradejar às quatro regiões do país a volta da Forças Armadas e a defensiva implacável do movimento armamentista em um país já permeado, há muito, pela violência abissal em escalas de guerra. Essa união entre a vingança dos homens (de matiz egopolítico) e um Deus universal (de cunho teopolítico) se deu a partir do sofrimento no corpo, saberes, cultura, economia, instituições, saúde, educação e em todos os espectros macropolíticos do país interceptados por uma matriz colonial de poder a qual desprezou quaisquer tentativas de *reduzir ou eliminar excessos de desigualdade*³³ ou um *estabelecimento de condições mínimas de bem estar coletivo*³⁴ para as muitas corpo e geo-políticas dissidentes.

De maneira não irônica ao que defendo na égide de um Brasil do pretérito e presente imperfeitos, Heloisa Starling, em texto recente pensado a partir da degradação do tecido dito “democrático” do país pelo enviesamento do Bolsonarismo, denomina o *Brasil como o país do passado*³⁵ ao reverberar o quanto, ainda hoje, não nos desprendemos dos nossos paradigmas coloniais de exclusão. Pelo contrário, escre(vi)vo, também, pela revolta fronteiriça³⁶ introjetada em minhas corpo e geo-políticas, ora mais ora menos, em consonância com meu Silviano ao nos entrever frente ao *reacionarismo disposto a dismantelar a qualquer custo um modelo de Estado comprometido com direitos sociais sub*

³¹ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 33.

³² SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 33.

³³ STARLING. *Brasil, país do passado*, p. 81.

³⁴ STARLING. *Brasil, país do passado*, p. 81.

³⁵ STARLING. *Brasil, país do passado*, p. 81.

³⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

*judice à retórica de que esses incentivariam as populações pobres a se acomodarem à sua condição de penúria*³⁷. Por isso, na chancela pluriversal ao exposto através da *práxis* reacionária bolsonarista, só posso tecer estas problematizações de base *outra*, dotadas de esperanças de um porvir comunal de bem-viver coletivo a todos sem reticências, hoje, simbolizado pela eleição de Lula, se o fizer à luz de uma ética política descolonial.

Essa, por sua vez, destitui-se, como condição *sine qua non, de quaisquer universais abstratos ocidentais, Cristianismo, liberalismo, marxismo etc., aportando-se na contracorrente às lógicas fundamentalistas e imperiais*³⁸ imbricadas a política brasileira, em sobressalto, nos últimos anos. Enquanto perspectiva *outra*, opositora à, nos dizeres do mineiro, *linguagem do sofrimento a partir da qual muitos não escutam os casos de padecimento*³⁹ das desigualdades, da fome, dos assujeitados, da perseguição às dissidências, isto é, todas as exterioridades que grassam deste Brasil dotado de imperfeições pretéritas presentificadas, coaduna-se o princípio da descolonialidade no intento de abarcar *um conjunto de processos éticos e epistemicamente guiados, politicamente motivados e economicamente necessários*⁴⁰. Com tal prefiguração em mente, requerir uma ética política descolonial implica, por extensão direta à história colonial e, na atualidade, hipercapitalista e imperial do Brasil, problematizar, discutir e escre(vi)ver *as histórias da colonialidade, as feridas e as humilhações*⁴¹ enquanto demarcações de referência afins a projetos políticos outros implicados por tal defensiva ética⁴².

Explicitada a premissa basilar da ética política descolonial, persigo sua formulação calcado não mais na revolta fronteiriça⁴³ enquanto inscrição corpo-

³⁷ STARLING. Brasil, país do passado, p. 81.

³⁸ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 33.

³⁹ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

⁴⁰ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 31.

⁴¹ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 33.

⁴² MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 33.

⁴³ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

biográfica e geo-política para escre(vi)ver os traços deste Brasil desarrumado⁴⁴ em que entevi o risco iminente da minha vida e dos meus. Ao findar a hecatombe bolsonarista nas eleições de 2022, pelo menos no que diz respeito à presidência da República, tendo em vista a disseminação do Bolsonarismo enquanto movimento ideológico na sociedade civil e nos muitos políticos no Congresso, Senado e nas Câmaras de Vereadores e Deputados, Luiz Inácio Lula da Silva apregoa em nossas *práxis* do viver e do pensar possibilidades *outras* ao cenário de putrefação⁴⁵ ética ao qual fomos, à revelia, inscritos e onde experienciamos na carne seus desdobramentos coloniais/imperialistas. Parafraseando Aníbal Quijano, *esse país ainda está conosco, o habitamos e nos habita*, todavia, só posso acreditar *na sua profunda e massiva mudança*⁴⁶ respaldado por motivações políticas éticas *outras*.

Ao Lula alçar o cargo de chefe de Estado pela terceira vez nos últimos vinte anos, preciso crer *que cada vez que nos vemos frente a um novo tempo, esse não haveria de ser apenas prolongação do passado, mas possibilitador de mudanças radicais em massa que não permitam o regresso ao mesmo*⁴⁷. Assim, faz-se necessário pontuar que o Brasil deixado por Lula em 2011 não é o mesmo de 2023, *ninguém, nenhuma pessoa, ato ou relação são os mesmos, trocaram-se as referências e os horizontes*⁴⁸, sobremaneira, pela pulverização generalizada do Bolsonarismo. *Por esse motivo, perfila-se a dificuldade de distinguir as esperanças das lembranças*⁴⁹ de um país que, conforme Silviano aponta, *vinha sendo razoavelmente governado*⁵⁰ em momentos anteriores ao início da degradação⁵¹ do tecido democrático em 2016 com o golpe institucional à ex-

⁴⁴ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

⁴⁵ FANON. *Pele negra, máscaras brancas*, p. 186.

⁴⁶ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

⁴⁷ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

⁴⁸ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

⁴⁹ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

⁵⁰ SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

⁵¹ Para Walter Mignolo, a destruição tem sido desenhada como destituição, em específico, a partir do golpe judicial premeditado que primeiro destituiu Dilma Rousseff da presidência e, depois,

presidenta Dilma Rousseff e, depois, convenientemente com o ano eleitoral de 2018 no qual Lula seria candidato, com a sua prisão política.

Nesse preciso sentido, seria no mínimo irônico perceber que, mesmo transcorridos vinte anos desde a primeira vitória eleitoral, Lula simbolizou, mais uma vez, *o clima de esperança*⁵² para os cidadãos brasileiros inconformados com as realidades virulentas e desiguais deste país; em destaque, no compromisso ético-político com a redução da miséria e da fome alastradas nas periferias. Conforme Newton Bignotto afere, em 2002, o Brasil escolhia pela primeira vez na história um presidente advindo da classe trabalhadora, militante de esquerda com bases sindicais operárias em São Paulo, nos movimentos sociais e em diálogo com intelectuais de tal visada política, elementos esses que nos faziam crer que *a “experiência democrática” do país estaria adentrando uma nova e promissora fase*⁵³. Após participar de todas as eleições presidenciais pós-ditadura e perdê-las, o até então metalúrgico representou em 2002, e também em 2022 ainda que um cenário distinto e, ao mesmo tempo, similar ao de 2002, *a possibilidade de retomada de um projeto de transformação e de país interrompido pelo golpe militar de 1964*⁵⁴ tão caro ao Bolsonarismo.

Para Walter Mignolo, Lula, na conjuntura do seu primeiro governo, em específico, no ano de 2006, apregou um giro à esquerda na América Latina⁵⁵ *pari passu* à eleição de Néstor Kirchner na Argentina e Michele Bachelet no Chile⁵⁶. O intelectual argentino vai além ao argumentar que Lula conjecturou um *momento de transição para um mundo outro em que se foi possível imaginar não*

214

prende injustamente Lula permitindo aos novos funcionários do Estado desviarem a atenção dos seus próprios crimes. Segundo o argentino, a violação de tais princípios Estatais em nome da defensiva democrática intercepta a dita “justiça” a cooptando a serviço do crime institucional. Assim, ainda que se mantenha a retórica supostamente “democrática”, desvela-se o horizonte prefigurado pela patente da colonialidade no chancelar da política brasileira. MIGNOLO. *La descolonialidad del vivir y del pensar*, p. 29.

⁵² BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

⁵³ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

⁵⁴ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 193.

⁵⁵ MIGNOLO. *Distancia física y armonía comunal/social*, p. 142.

⁵⁶ MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 309.

*unicamente bases ocidentais liberais, cristãs e marxistas ou a união das três em prol a parâmetros modernos, coloniais, capitalistas e imperialistas*⁵⁷. Talvez resida aí o elemento preponderante na fala de Silviano quando pontua que o *país vinha sendo razoavelmente governado*⁵⁸ na baliza do Partido dos Trabalhadores (PT), ainda que com seus muitos problemas internos, *enquanto um exemplo paradigmático da esquerda periférica pensada a partir da sua própria história, mesmo que seguindo elementos da esquerda europeia, diferentemente da Bolívia transpassada por um giro descolonial ao se distanciar de ambas as esquerdas: as periféricas e eurocentradas*⁵⁹.

Haveríamos nós, um dia, ter de aprender com nossos vizinhos fronteiriços aquilo que concerne a uma ética política, de fato, descolonial de governabilidade? Questiono-me, pois, ainda que revestido pela esperança, não perco de vista a presença incontestada de uma perspectiva *outra* deste Brasil de imperfeições pretéritas que *ainda está conosco, o qual habitamos e nos habita*⁶⁰ em luta. Retorno à perspectiva histórica de Lula na América Latina por via de Mignolo, no sentido que sua participação política empreendeu não apenas um giro à esquerda nos trópicos, mas, sobremaneira, em 2011, um enveredamento em direção à *desocidentalização*, ou seja, *um governo ainda de base capitalista aportado na economia de acumulação, mas se afastando o quanto fosse possível dos Estados Unidos ao direcionar sua política exterior à China, Rússia e Irã*⁶¹. Em Lula, Kirchner e Bachelet, *apesar de suas diferenças e ligações com a “esquerda” na semântica marxista do termo, fomenta-se a visada de que tais governos não são, necessariamente, seguidores implacáveis do imperialismo estadunidense*⁶², à revelia do posicionamento de Bolsonaro nos últimos quatro anos enquanto defensor à última potência de Donald Trump e, por extensão, da sua agenda política ocidentalista.

⁵⁷ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 264.

⁵⁸ SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

⁵⁹ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 295.

⁶⁰ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 327.

⁶¹ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 142.

⁶² MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 309.

Descortinado tal cenário de importantes mudanças no âmbito da América Latina e, em especial, no Brasil, em 2016 enveredamos sem precedentes em direção ao abismo político. No ano citado, ocorreu o golpe institucional a até então presidenta Dilma Rousseff, sendo Jair Bolsonaro um dos seus maiores apoiadores, e, da forma como sinaliza Mignolo, por erros da própria esquerda e pelos ataques constantes da direita, debilitando-se, então, o giro à esquerda e à desocidentalização, em âmbitos geo-políticos tanto nacionais quanto internacionais ao substituí-lo pelo giro à direita na Argentina em 2015, no Equador em 2017 e no Brasil em 2016⁶³. Sendo esse ainda mais sobressalente com a vitória presidencial de Bolsonaro em 2018 em prol de uma relação exterior absolutamente próxima com o imperialismo de Donald Trump e seus interesses de dominação nestes trópicos.

Na chancela de 2018, ano em que Lula foi condenado e preso injustamente através de uma jogada política em favor de Bolsonaro, aqueles elementos concernentes aos *vieses sindicalistas, de movimentos sociais, a militância da esquerda e o diálogo com intelectuais dessa orientação foram utilizados para criar uma resistência quase generalizada no país a tudo que referendasse quaisquer elementos de uma política de orientação à esquerda*⁶⁴. Com isso, muniu-se o reaparecimento da *retórica anticomunista* ou, nas palavras de Newton Bignotto, *um comunismo fantasmático*⁶⁵, cuja presença, somada ao exposto, fora preponderante para a vitória de Jair Bolsonaro em 2018⁶⁶. Tais fraturas, políticas e, em primordial, epistêmicas⁶⁷, justificam a presença incontestada de uma ética política descolonial neste trabalho crítico biográfico fronteiriço no sentido de cotejarmos realidades *outras* a nós e aos nossos, assujeitados aos processos modernos, coloniais e imperialistas de desigualdades sociais em todos os âmbitos possíveis deste Brasil dotado de imperfeições pretéritas sobressalentes.

⁶³ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 142.

⁶⁴ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 193.

⁶⁵ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 236.

⁶⁶ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 193.

⁶⁷ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

Sendo assim, só posso fazê-lo se atravessado pela visada de uma *ética da libertação, pensada a partir dos excluídos e pressuposta pela diversidade como o único projeto universal possível*⁶⁸ em que, no aferido pelo meu mineiro, o Brasil *deixe de ser um país tímido que praticamente voltou ao momento colonial*⁶⁹. Na chancela de Bolsonaro, o ex-militar *não era um proletário, mas, também, não teve a solidariedade tampouco a perspectiva ética para se colocar no viés dos trabalhadores e de suas geo e corpo-políticas*⁷⁰. À revelia de Lula que, enquanto ex-metalúrgico, sindicalista e advindo de um contexto econômico desprovido de benesses, revestiu-se de tais geo e corpo-políticas tanto suas quanto de seus companheiros e da população mais fragilizada para orientar suas políticas de governabilidade em prol de um *projeto de futuro*⁷¹ em 2002, e agora no seu atual mandato iniciado em 2023, com fim de mitigar a fome no Brasil e as desigualdades generalizadas às exterioridades marginalizadas do país. Em discurso realizado em 2023 na “78ª Assembleia da ONU”, o atual presidente pontua:

A comunidade internacional está mergulhada em um turbilhão de crises múltiplas e simultâneas: a pandemia da Covid-19; a crise climática; e a insegurança alimentar e energética ampliadas por crescentes tensões geopolíticas. O racismo, a intolerância e a xenofobia se alastraram, incentivadas por novas tecnologias criadas supostamente para nos aproximar. Se tivéssemos que resumir em uma única palavra esses desafios, ela seria desigualdade. A desigualdade está na raiz desses fenômenos ou atua para agravá-los. Nesses sete anos que nos restam, a redução das desigualdades dentro dos países e entre eles deveria se tornar o objetivo-síntese da Agenda 2030. Reduzir as desigualdades dentro dos países requer incluir os pobres nos orçamentos nacionais e fazer os ricos pagarem impostos proporcionais ao seu patrimônio. Quando as instituições reproduzem as desigualdades, elas fazem parte do problema, e não da solução. A representação desigual e distorcida na direção do FMI e do Banco Mundial é inaceitável. Nesse ínterim, o desemprego e a precarização do trabalho minaram a confiança das pessoas em tempos melhores, em especial os jovens. Os

⁶⁸ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 362.

⁶⁹ SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silvano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

⁷⁰ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 149.

⁷¹ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

governos precisam romper com a dissonância cada vez maior entre a “voz dos mercados” e a “voz das ruas”.⁷²

Na égide do excerto aposto, dou enfoque ao seguinte trecho: *a desigualdade está na raiz dos fenômenos ou atua para agravá-los, a redução das desigualdades deveria se tornar o objetivo-síntese*⁷³. Implicado nisso, explicita-se que mesmo não se desprendendo da lógica *econômica e capitalista de acumulação*⁷⁴, Lula acaba por apregoar uma política *outra* que *une de modo perverso as esferas econômicas às políticas estando, nesse contexto, a produção e a mercantilização enquanto primazias independentes das consequências nas vidas humanas* absolutamente desprezadas pelo sistema, vulgo matriz colonial de poder, em que estão inseridas e que fora dela não podem existir. Sobremaneira, se re-lermos os *lugares não enquanto territórios em si mesmos, mas, espaços de poder ou redes entrelaçadas cujas bases possibilitam o exercício da colonialidade do poder*⁷⁵ tão alimentada pelo Bolsonarismo.

Nesse âmbito, o posicionamento ético que se encena é em que medida há uma preocupação pelas *vidas humanas ou pelas ganâncias*⁷⁶ hipercapitalistas concentradas em parcelas ínfimas da população omissas, como Bolsonaro, nos dizeres de Silviano, à *linguagem do sofrimento revestida de miséria e dor*⁷⁷, em específico, pela fome que rasga a carne de múltiplas camadas da população brasileira. Para a lógica do capital, destituída de qualquer princípio ético *outro* e endossada à última instância pelo “falso Messias”, *as ganâncias vêm primeiro alcinhas pela primazia do mercado sobre a valorização e o prezar pelas vidas não interessando à política econômica neoliberal o bem-estar das pessoas e suas formas do viver*⁷⁸, tais como saúde, alimentação, educação, trabalho, dissidências

⁷² LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

⁷³ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

⁷⁴ MIGNOLO. *Distancia física y armonía comunal/social*, p. 142.

⁷⁵ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 208.

⁷⁶ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 208.

⁷⁷ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

⁷⁸ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 292.

sexuais, questões étnico-raciais etc. – contrariamente ao expresso nas palavras de Lula durante o discurso reproduzido a partir do qual se mostra latente sua desobediência à *dita democracia do mercado em que tais preocupações são perigosas*⁷⁹ no bojo de sua manutenção hegemônica.

Assim sendo, mesmo que Lula não se configure enquanto um governo de base descolonial, mas, sim, centro-esquerda ainda capitalista, há um avanço em favor de um *projeto de futuro*⁸⁰ igualitário às exterioridades do Brasil em suas dimensões mais abissais. Não à toa, Silviano, ao receber o “Prêmio Camões” na Biblioteca Nacional em 2023, explicita que *o resultado das eleições de 2022 trouxe alento dando ao povo brasileiro a possibilidade de se concretizar no cotidiano a esperança e o sonho de um país mais igualitário e solidário, pois urgia a reconstrução meticulosa do Brasil na América Sul cuja presença esteve a vistas de desaparecimento no caos*⁸¹. Ao aferido pelo meu mineiro, só posso oferecer concordância, uma vez que se faz quase impossível que eu me desprenda do medo latente sentido em 2018 quando Jair Bolsonaro alçou o título de Presidente da República e o cenário que a partir dali se desenhava era de absoluta destruição de quaisquer avanços alcançados nos últimos anos, inclusive aqueles realizados pelas gestões anteriores de Lula.

219

Recordo-me, ainda, que no referido momento da iminência da demolição e do desmoronamento do já conquistado neste país *sub judice* ao sangue dos movimentos sociais, estava em Buenos Aires devido à participação em congresso científico na área de Letras e, dos companheiros argentinos, só me chegavam lamentos e palavras de conforto para os anos abissais que se seguiriam neste biolócus dotado de imperfeições pretéritas, naquele cenário, mais alargadas do que nunca. Por isso, desde aquele recorte histórico, já enquanto pesquisador crítico biográfico fronteiriço, só poderia pressupor uma questão ética *outra* enquanto correlata à *dignidade humana em primeiro lugar, o que não significa desprezar a questão econômica do país, mas, sim, tomar como princípio as perspectivas das corpo e geo-políticas daqueles expurgados às margens*⁸² do

⁷⁹ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 292.

⁸⁰ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

⁸¹ SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

⁸² MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 360.

Brasil, a exemplo, os povos originários e negros, mulheres, LGBTQIAP+, os assujeitados a trabalhos análogos à escravidão, os pobres em situação de vulnerabilidade alimentar etc.

Pelo atravessamento da inscrição biográfica exposta, escre(vi)vo e, por extensão, teorizo na esteira *de uma ética da libertação afiançada na perspectiva de nós excluídos*, em qualquer dimensão do político e da política do país, e situada no para-além da única e obsoleta ideia de “tolerância” às diversidades em que apenas se reordena e reacomoda os já sabidos universais abstratos hegemônicos⁸³. Nesse ínterim, a ética política descolonial pressupõe a diversidade enquanto único caminho possível para o que se entende por “universal” *pari passu* à revolução teórica a fim de estabelecer condições outras para novas formas de pensamento das e nas fronteiras unindo ética, política e epistemologia em contraposição aos legados do mundo moderno/colonial⁸⁴, em especial, do Brasil pretérito e imperfeito. Conforme o argentino Enrique Dussel assevera, a ideia de ética atual, advinda do século XX, possui alguns “nós problemáticos” que necessitam ser desatados a partir da perspectiva da libertação⁸⁵ dessas exterioridades.

Ademais, nessa guisa, Mignolo é salientar na ideia de que *precisamos desatar os nós, aprender a desaprender e a re-aprender a cada passo*⁸⁶. Aos intelectuais argentinos, acresço os questionamentos do meu mineiro: *como desatar os nós?*⁸⁷ *Voltaremos a viver na nação que sempre vivemos?*⁸⁸ Ainda que as três menções intelectuais aos “nós” advenham de arcações epistêmicos distintos, elas acabam por desvelar um só paradigma hegemônico: a *desarrumação*⁸⁹ que o Brasil vem enfrentando não apenas no hoje recém desprendido do Bolsonarismo no âmbito da presidência, mas há quinhentos anos

⁸³ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 362.

⁸⁴ MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 362.

⁸⁵ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

⁸⁶ MIGNOLO. *Desobediência epistêmica*, p. 305.

⁸⁷ SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 165.

⁸⁸ SANTIAGO. *Nó, nós*, p. 173.

⁸⁹ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

ininterruptos de exploração colonial norteada pelo princípio do econômico sempre sobreposto à dignidade humana e às corpo e geo-políticas exteriorizadas.

Por essa razão, tomado pelos múltiplos campos semânticos evocados desde as epígrafes deste trabalho, uma ética política descolonial, agora, discutida pelo atravessamento do atual governo de Lula, só pode se concretizar, pelo menos em alguma medida, se pressuposta pela rearrumação da “dita casa” (des)arrumada⁹⁰ à última instância pelas últimas políticas em curso nesse nosso Brasil *de marcas profundas à flor da pele com um passado recente que não será facilmente esquecido*⁹¹, nas palavras do meu mineiro. Então, à ética política descolonial, prefigurada pelo princípio da libertação, *compete o trato à maioria absoluta excluída da humanidade em condição de vida ou de morte, sendo a vida não um mero conceito, ideia ou uma abstração ensaística, mas seu pluriverso*⁹². Isto é, na égide de Dussel, *o modo que se dá cada realidade dos seres humanos concretos, implicados pelas condições absolutas da ética e, por extensão, das exigências que requerem suas libertações*⁹³. Defender essa perspectiva ética *outra* é equivalente à *afirmação total e coletiva da existência humana* frente às artimanhas hegemônicas do *sistema-mundo colonial/moderno*⁹⁴ que, não obstante, empurram cada vez mais os grupos vulneráveis para a inexistência ou mesmo para a morte propriamente dita.

221

Pelo exposto, justifica-se o intento de teorizar os embates políticos entre os governos de Bolsonaro e Lula pelo crivo da ética, visto que, à revelia do meu Silviano e sua *práxis* quase compulsiva de metaforizar tudo e todos, penso e escre(vi)vo, com base crítica biográfica fronteiriça, *a partir das nossas situações reais e concretas*, da maioria dos brasileiros, *as quais nos inseriram em cenários trágicos de proporções nunca vistas*⁹⁵ na história do Brasil. No bojo da realidade

⁹⁰ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

⁹¹ SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

⁹² DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

⁹³ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

⁹⁴ GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 459.

⁹⁵ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

que nos entrecorta, Lula afere, ainda que passível de problematizações em torno da ideia liberal de “democracia”, “Se hoje retorno na honrosa condição de presidente [...] é graças à vitória da democracia em meu país. A democracia garantiu que superássemos o ódio, a desinformação e a opressão.”⁹⁶, “A esperança, mais uma vez, venceu o medo. Nossa missão é unir o Brasil e reconstruir um país soberano, justo, sustentável, solidário, generoso e alegre.”⁹⁷, “O Brasil está se reencontrando consigo mesmo, com nossa região, com o mundo.”⁹⁸ e “Como não me canso de repetir, o Brasil está de volta [...] para dar sua devida contribuição ao enfrentamento dos principais desafios globais.”⁹⁹.

Na baliza da *superação do ódio, da desinformação e da opressão*¹⁰⁰ pontuada por Lula, incute-se o pressuposto *ético da libertação ao se voltar para os movimentos sociais, políticos, econômicos, raciais, ecológicos, de gênero, étnicos etc.* circunscritos pelo entrecortar das nossas corpo e geo-políticas neste país imperfeito. Trabalhar em favor à ética política descolonial, de matiz libertador, requer *a luta pelo reconhecimento das vítimas em múltiplas e plurilógicas frentes de libertação desde os próprios padecentes, as normas, ações, microestruturas, instituições ou sistemas sem a necessidade de aguardar por “revoluções” generalizadas as quais, muitas vezes, fazem-se impossíveis*¹⁰¹. Tal pressuposto, ao seu modo, fora sinalizado por Lula quando em discurso na ONU, já citado, ao explicitar que: “Queremos alcançar a igualdade racial na sociedade brasileira por meio do décimo oitavo objetivo que adotamos

⁹⁶ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

⁹⁷ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

⁹⁸ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

⁹⁹ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁰⁰ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁰¹ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

voluntariamente.”¹⁰², “Aprovamos a lei que torna obrigatória a igualdade salarial entre mulheres e homens no exercício da mesma função.”¹⁰³.

E, ainda, “Combateremos o feminicídio em todas as formas de violências contra as mulheres.”¹⁰⁴, “Seremos rigorosos na defesa dos direitos de grupos LGBTQI+ e pessoas com deficiência.”¹⁰⁵, por fim, mas não menos importante, “Resgatamos a participação social como ferramenta estratégica para a execução de políticas públicas.”¹⁰⁶. Assim, ao estabelecer seu comprometimento com essas muitas exterioridades brasileiras, o atual presidente demarca seu empenho ético com, à revelia do governo bolsonarista, as políticas das muitas vidas que, nestas estruturas continentais e epistemológicas de país, re-existem¹⁰⁷ diuturna e cotidianamente sob o peso abissal da matriz colonial de poder. Ante isso, *a ética da libertação não se reveste apenas de princípios e critérios conceituais, pelo contrário, parte, como condição sine qua non, das reais vítimas em todos os níveis e se volta para a vida cotidiana enviesada pelos modelos em curso e seus efeitos negativos imbricados nas estruturas auto-organizadas e autorreguladas*¹⁰⁸.

Ademais, prefigura-se, ainda, à luz de Dussel, *por elementos aquilatados nas pulsões, afetos, nos valores culturais, causas históricas, biográficas, de responsabilidade e, sobretudo, de solidariedade*¹⁰⁹. Explicito-os, portanto, enquanto *compromisso filosófico* alcunhado por meu escre(vi)ver homo-

¹⁰² LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁰³ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁰⁴ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁰⁵ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁰⁶ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁰⁷ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

¹⁰⁸ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

¹⁰⁹ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

biográfico e fronteiro de pesquisador descolonial no ensinar *não uma filosofia crítica para minorias, e, sim, uma ética cotidiana em favor das majorias esmagadoras da humanidade excluídas do dito “processo de globalização” presentificado enquanto “normalidade histórica” no tempo vigente*¹¹⁰. Em outras palavras, a *ética da libertação urge com base na necessidade de políticas outras afins das vítimas, dos pobres e, em geral, das exterioridades que foram suprimidas em meio ao terror da espantosa miséria que assola o planeta*¹¹¹ e, de maneira específica, o Brasil imperfeito. Seu ponto de partida é, preferencialmente, *a exterioridade*¹¹², isto é, o afora, o outro lado, a fronteira, em suma, os ditos “outros” enquanto *horizontes ontológicos da realidade*¹¹³ virulenta e sofrível pela cooptação da matriz colonial de poder em seu cerne hegemônico.

A ética da libertação se localiza, portanto, *na situação de excepcionalidade dos excluídos, nas situações-limite descortinadas pelos processos cotidianos e assimétricos de dominação direcionados às mulheres, dissidências sexuais, etnias não-brancas, povos originários, em Estados excepcionais de direito, às periferias do mundo colonial, às guerras internas “silenciosas”*¹¹⁴, como as que ocorrem no cotidiano do Brasil entre a polícia militar e os habitantes das favelas etc. Enquanto uma política *outra* alcinhada na vida subjugada, *a ética da libertação trabalha com a negação*, pelo projeto moderno/colonial, *dessas existências outras e as relações produzidas entre as negações de suas corporalidades enviesadas pelo sofrimento enquanto vítimas dominadas e, ao mesmo tempo, a tomada dessa consciência*¹¹⁵ entrecortada pela exterioridade que fora criada (pelo fato de, *a priori*, não existir enquanto tal ontologicamente) e atribuída a elas.

Nesse intento, na posição de crítico biográfico fronteiro comprometido com as múltiplas desigualdades deste país que cooptam quaisquer possibilidades de um bem-viver comunal, só posso me arregimentar da *linguagem do sofrimento*,

¹¹⁰ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

¹¹¹ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 15.

¹¹² DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 421.

¹¹³ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 421.

¹¹⁴ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 418.

¹¹⁵ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 313.

expressa pelo meu mineiro, *escutando os casos de padecimento*¹¹⁶ que concernem a mim, enquanto assujeitado homo-biográfico, e às corpo e geo-políticas excluídas. Nos dizeres do atual presidente da República, endosso-o quando assente: “A desigualdade precisa inspirar indignação. Indignação com a fome, a pobreza, a guerra, o desrespeito ao ser humano.”¹¹⁷ e continua “Somente movidos pela força da indignação poderemos agir com vontade e determinação para vencer a desigualdades e transformar efetivamente o mundo ao nosso redor.”¹¹⁸. À maneira que já aferi, revesti-me da revolta fronteiriça para escre(vi)ver estas problematizações pós-abissais que, por sua vez, acalentou-se em minha *práxis vivendi* e epistêmica pelo atravessamento da esperança presente na retórica *outra* proferida pelo atual líder de Estado. Em especial, no que compete à sua absoluta desobediência em relação aos discursos bolsonaristas revestidos *de ódio, desinformação e opressão*¹¹⁹ em prol do *aniquilamento sistemático de um projeto de futuro*¹²⁰ para o Brasil.

Em consonância com as palavras do meu mineiro e com as de Lula, vislumbro um horizonte *outro*, coadunado pela *ética da libertação*, a partir do qual entrevejo as nossas *sensibilidades humanas, concretas e empíricas enquanto vítimas interceptadas pelo sistema de exclusões que nos rege*¹²¹ cada qual com suas especificidades a depender das exterioridades que habitamos. Em alguns desses casos, absolutamente recorrentes no Brasil pretérito e imperfeito, desvela-se o pontuado por Dussel: *os assujeitados que já não podem viver e gritam de dor dizendo “Tenho fome!”*¹²² *“Deem-de de comer, por favor!”*¹²³, ou seja, *mostra-se*

¹¹⁶ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

¹¹⁷ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹¹⁸ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹¹⁹ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹²⁰ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹²¹ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

¹²² DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

¹²³ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

*o lado vulnerável da corporalidade sofredora quase como uma ferida aberta de difícil cicatrização*¹²⁴. Aos situados na situação-limite¹²⁵ delineada, Lula, desde seu primeiro mandato iniciado nos idos iniciais do século XXI quanto no agora de 2023, ofereceu resposta, amparo e políticas de igualdade e justiça sociais com fim de minar *as não-respostas de Bolsonaro a essa interpelação tomada, em última instância, pelas mortes das vítimas*¹²⁶.

Dessa maneira, posso constatar que por mais que os governos de centro-esquerda exercidos pelo PT tivessem e ainda possuam diversos problemas internos, inclusive no bojo da corrupção renitente quase que fixada no tecido genético brasileiro, ainda assim, sempre existiu uma ética social *outra*, de Lula à Dilma, com os assujeitados que clamavam pelo mínimo de dignidade humana, na contracorrente absoluta às despolíticas bolsonaristas. Estando essas, por sua vez, direcionadas apenas ao acúmulo irrestrito de riquezas por uma parcela ínfima de população brasileira ao mesmo tempo em que família inteiras garimpavam alimentos em caminhões que circulavam¹²⁷, por exemplo, no Rio de Janeiro, carregados de pelancas e restos de ossos advindos de mercados da cidade¹²⁸. A título de problematização direta do interdito neste parágrafo, entendo que ao tensionar um exercício comparatista entre ambos os governos, mostra-se da minha perspectiva fronteiriça que, na absoluta diferença a Bolsonaro, Lula vem há mais de vinte anos se voltando às marcas coloniais de um *Brasil profundo*¹²⁹.

Isto é, revestido por uma ética *outra*, aquilatada pelo pressuposto básico da vida humana, o ex-metalúrgico, em sua *práxis* de governabilidade, parece compreender que não há “real democracia” se interceptada pelo padecimento de direitos sociais dos muitos que re-existem¹³⁰ nestes trópicos. Nessa seara, só uma política *outra*, imbuída de justiça e dignidade sociais sem reticências, pode dar

¹²⁴ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

¹²⁵ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 418.

¹²⁶ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 529.

¹²⁷ STARLING. *Brasil, país do passado*, p. 86.

¹²⁸ STARLING. *Brasil, país do passado*, p. 86.

¹²⁹ SANTOS. *A democracia brasileira na encruzilhada*, p. 406.

¹³⁰ MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

conta de atender a esse, na chancela de Boaventura, *Brasil profundo*, outro lado da fronteira ou escuridão da inexistência. Em suma, o *Brasil profundo*, pressuposto pelo crítico português, compete à *invisibilidade ou ausência das parcelas pobres, negras, indígenas, jovens, habitantes de favelas etc. cujas vidas não possibilitam quaisquer acessos a discursos políticos e midiáticos hegemônicos*¹³¹. Quando muito, conectam-se a retóricas religiosas que as “acolhem” no intuito de ratificarem e legitimarem suas ausências¹³² no aspecto macropolítico do país. Nos termos desta leitura pós-abissal, pensar em um *Brasil profundo* implica trazer à voga discursiva e ontológica da realidade virulenta que entrecorta há muito nossas corpo e geo-políticas as muitas *linguagens dos sofrimentos*¹³³ delineadas pelo meu Silvano, pré-existentes desde sempre por aqui e alargadas à exaustão pelo Bolsonarismo.

Por essa razão, justifica-se o fato de, nas eleições ocorridas em 2022, o atual presidente ter vencido em todos os estados do Nordeste e na maioria dos do Norte¹³⁴, enquanto Bolsonaro ganhou na totalidade do Sul, do Centro-Oeste e em grande parte do Sudeste¹³⁵. Tais dados estatísticos descortinam, em um aspecto geral, a quem tais políticos estariam dispostos a governar e quais agendas éticas sociais seriam indispensáveis para suas administrações federais. Na chancela de Boaventura, empreendo que, no que concerne ao Norte e Nordeste do Brasil, enquanto regiões de maior vulnerabilidade social e desigualdades latentes¹³⁶,

¹³¹ SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

¹³² SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

¹³³ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

¹³⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/lula-ganhou-em-13-estados-e-bolsonaro-venceu-em-14-no-2o-turno-das-eleicoes-2022.ghtml>.

¹³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/lula-ganhou-em-13-estados-e-bolsonaro-venceu-em-14-no-2o-turno-das-eleicoes-2022.ghtml>.

¹³⁶ “Região Nordeste possui metade de toda a pobreza no Brasil, segundo IBGE”. Disponível em: <https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/>. “Norte e Nordeste sofrem mais fortemente os efeitos das desigualdades existentes no país”, diz economista”. Disponível em: <https://marcozero.org/norte-e->

sobressaem-se os sentimentos de *negligência, descaso, displicência e arrogância por parte daqueles que (des)arrumaram a casa*¹³⁷ e prometiam, em período eleitoral, *defendê-los; contudo, governaram em favor de projetos hipercapitalistas que expulsavam os povos de suas terras ancestrais, contaminavam suas águas, acabavam com suas florestas, assassinavam seu líderes e seus jovens pela violência policial, expurgavam cada vez mais as família vulneráveis para a periferia e, sobretudo, trabalhavam em favor absoluto do agronegócio*¹³⁸.

Atravessado pelos dados citados, entendo que, no plasmar do *Brasil profundo*, muitos dos grupos minoritários, implicados nas desigualdades latentes em diversos âmbitos existenciais, *sentiu os enormes custos humanos e ambientais, bem como o fato das suas vozes não serem minimamente incluídas nos números da macropolítica do país se dando conta de que seria pior*¹³⁹, em absoluto, *continuar naquele cenário de destruição sem um projeto de futuro*¹⁴⁰ pluriversal. Nomeando tais termos, permanecer ali significaria prosseguir nas incorrências ego e teopolíticas autoritárias, militarizadas, elitistas, hipercapitalistas e coloniais do Bolsonarismo destituído de quaisquer éticas *outras* para o país, em específico, no concernente às regiões fronteiriças mais vulneráveis. Na chancela dos *custos ambientais*¹⁴¹ de tais despolíticas sem quaisquer éticas *outras*, faz-se pertinente lançar luz sobre um fato específico explicitado pelo mapa reproduzido e caro ao estado de Mato Grosso do Sul a partir do qual escre(vi)vo: o agronegócio.

Segundo dados coletados pelo “Estadão”, em reportagem de junho de 2023, os dez estados mais produtores do agro no Brasil são: Mato Grosso, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso do Sul, Bahia, Santa Catarina e Pará¹⁴². Assim, os dados das vitórias eleitorais, percebo que dentre a

nordeste-sofrem-mais-fortemente-os-efeitos-das-desigualdades-existentis-no-pais-diz-economista/.

¹³⁷ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

¹³⁸ SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

¹³⁹ SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

¹⁴⁰ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁴¹ SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 406.

¹⁴² Disponível em: <https://summitagro.estadao.com.br/comercio-exterior/agronegocio-veja-os-10-principais-estados-produtores-do-brasil/>

lista arrolada, apenas 3 dos estados elegeram Lula enquanto 7 deles concederam a vitória a Bolsonaro. Com isso em mente, em especial, entremeado pela percepção de uma ética política *outra*, concernente não só à vida humana, mas, também, ao bem-viver comunal com a natureza enquanto extensão dos nossos corpos e condição mínima para a sobrevivência coletiva, faz-se pujante demarcar a presença do Bolsonarismo no incentivo ao agronegócio¹⁴³, sobretudo, se considerarmos o impacto desse na devastação ambiental¹⁴⁴ e, por consequência, nas mudanças climáticas cada vez mais abissais.

À maneira que elenquei nas notas de rodapé com matérias jornalísticas associando Bolsonarismo e agronegócio, faz-se visível o porquê de o ex-militar ganhar em disparate em tais regiões: suas despolíticas se direcionavam em prol de alimentar cada vez mais a destruição ambiental revestida do acúmulo irrestrito de riquezas por grupos ínfimos do país despreocupados com os impactos de suas *colonizações da natureza*¹⁴⁵ tal qual fazem com as corpo e geo-políticas assujeitadas e racializadas. Assim como meu Silviano aponta, criou-se um cenário em que *nossa maior riqueza acabou por ser o agronegócio e isso é triste, não somos contra ele, todavia, é abissal o fato de ser a maior força de renda, reservada a pouquíssimos, em um país tão plural como o Brasil*¹⁴⁶. Nesse preciso sentido, urge o intento de quando meu mineiro afere que *viramos um país tímido*

¹⁴³ “O avanço do agronegócio sob o governo Bolsonaro”. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-avanco-do-agronegocio-sob-o-governo-bolsonaro/>.

¹⁴⁴ “Agronegócio foi responsável por 97% do desmatamento no Brasil em 2021”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/19/agronegocio-foi-responsavel-por-97-do-desmatamento-no-brasil-em-2021>. “Desmatamento cresce 22% no Brasil em 2022; agropecuária é principal responsável, diz Mapbiomas”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/12/desmatamento-cresce-22-no-brasil-em-2022-agropecuaria-e-principal-responsavel-diz-mapbiomas>. “Relatório expõe agronegócio como grande motor do desmatamento ilegal de florestas”. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/relatorio-expoe-agronegocio-como-grande-motor-do-desmatamento-ilegal-de-florestas/>. “Desmatamento aumenta o custo das mudanças climáticas para o agronegócio”. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?84320/Desmatamento-aumenta-o-custo-das-mudancas-climaticas-para-o-agronegocio>.

¹⁴⁵ SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 74.

¹⁴⁶ SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

*praticamente retornado ao período colonial*¹⁴⁷ *sub judice* às despolíticas bolsonaristas de 2018 a 2022.

Esse fato se torna ainda mais sobressalente quando me vejo frente à autorreflexão¹⁴⁸ de que escre(vi)vo a partir de um desses estados unidos do agronegócio e justapostos, em absoluto, na contrariedade dos povos indígenas os expurgando cada vez mais para a inexistência e vulnerabilidade em todos os aspectos possíveis. A exemplo, menciono as seguintes manchetes: “Com recorde de queimadas no Pantanal, Bolsonaro diz que Brasil ‘está de parabéns’ na preservação do meio ambiente” (2020)¹⁴⁹ e “Bolsonaro soube da tragédia yanomami, mas ignorou; parlamentares reagem: ‘Crime de lesa-pátria’” (2023)¹⁵⁰ quando o Brasil se via frente a índices abissais de devastação ambiental¹⁵¹ comprovando, mais uma vez, como o governo bolsonarista se destituiu de quaisquer éticas *outras* não só com as corpo e geo-políticas das populações vulneráveis, mas, também, com a natureza ao se posicionar a favor de sua *colonização*¹⁵² irrestrita. Isso posto, é basilar a contraposição do exposto com as palavras de Lula no que concerne à urgência do cenário climático atual, outrora absolutamente desprezada por Bolsonaro:

Há vinte anos, ocupei esta tribuna pela primeira vez. E disse, naquele 23 de setembro de 2003: ‘Que minhas primeiras palavras diante deste Parlamento Mundial sejam de confiança na capacidade humana de vencer desafios e evoluir para formas superiores de convivência’. Volto hoje para dizer que mantenho minha inabalável confiança na humanidade. Naquela época, o mundo ainda não havia se dado conta da gravidade da crise climática. Hoje, ela bate às nossas portas, destrói nossas casas, nossas cidades, nossos países, mata e impõe perdas e sofrimentos a nossos irmãos,

230

¹⁴⁷ SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

¹⁴⁸ SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 225.

¹⁴⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/com-recorde-de-queimadas-no-pantanal-bolsonaro-diz-que-brasil-esta-de-parabens-na-preservacao-do-meio-ambiente-24644929>.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/12/bolsonaro-soube-da-tragedia-yanomami-mas-ignorou-parlamentares-reagem-crime-de-lesa-patria>.

¹⁵¹ Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/bolsonaro-deixa-presidencia-com-recorde-historico-de-desmatamento-em-areas>.

¹⁵² SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 74.

sobretudo os mais pobres. Agir contra a mudança do clima implica pensar no amanhã e enfrentar desigualdades históricas. *São as populações vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima. Os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por quase a metade de todo o carbono lançado na atmosfera.* Nós, países em desenvolvimento, não queremos repetir esse modelo. No Brasil, já provamos uma vez e vamos provar de novo que um modelo socialmente justo e ambientalmente sustentável é possível. Retomamos uma robusta e renovada agenda amazônica, com ações de fiscalização e combate a crimes ambientais. Ao longo dos últimos oito meses, o desmatamento na Amazônia brasileira já foi reduzido em 48%. O mundo inteiro sempre falou da Amazônia. Agora, a Amazônia está falando por si. Sediamos, há um mês, a Cúpula de Belém, no coração da Amazônia, e lançamos nova agenda de colaboração entre os países que fazem parte daquele bioma.¹⁵³

Diante do excerto no que tange, ainda, ao discurso do presidente Lula na ONU, destaco o seguinte trecho: *são as populações mais vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelos danos causados pela mudança do clima e os 10% dos mais ricos são responsáveis por quase metade do carbono lançado na atmosfera.* Com tal ponto em mente, e permeado pelo exposto nos parágrafos anteriores acerca da estreita relação entre agronegócio e política, torna-se visível para a minha perspectiva descolonial que o ex-metalúrgico tensiona um *posicionamento inconveniente*¹⁵⁴ frente aos gigantes hipercapitalistas do agro no país, visto que perlabora em suas falas e práticas governamentais uma preocupação ética com a natureza e o impacto da devastação dessa na vida das pessoas, em especial, aquelas vulneráveis em situação de exterioridade.

Desse modo, retorno ainda ao fragmento discursivo de Lula quando o presidente afere que *há vinte anos ocupou aquela tribuna pela primeira vez e disse, em 23 de setembro de 2003, que suas palavras seriam de confiança na capacidade humana de vencer desafios*¹⁵⁵. Dentre os desafios daquele momento, e pré-existentes desde sempre neste lócus de imperfeições pretéritas, o ex-sindicalista se viu frente às desigualdades abissais em dimensões generalizadas do

¹⁵³ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p, grifos meus.

¹⁵⁴ SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 17.

¹⁵⁵ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

país, todavia, respaldado por uma agenda ética *outra* calcada na vida como primazia basilar, fez com que, nas palavras de Bignotto, *no início do século XXI, o Brasil experimentasse uma redução real das desigualdades sociais ao alargar a participação popular, formar uma nova proposta de identidade brasileira em detrimento ao mundo dito “democrático” e expandir a cidadania para os grupos sociais outrora excluídos dos direitos de justiça social*¹⁵⁶. No chanceler desse recorte temporal, o filósofo político brasileiro apregoa que *a impressão era de que o Brasil havia, finalmente, encontrado o caminho da “democracia”*¹⁵⁷.

Ainda nesse cenário, pressuposto por um *projeto de futuro*¹⁵⁸ para o Brasil imperfeito, à revelia do que aconteceria com o Bolsonarismo, em 2002, o país se encontrava diante de 24% da população abaixo da extrema pobreza; em 2014, os números reduziram para 7% no que compreende os “muitos pobres”¹⁵⁹. Ademais, Lula conseguiu ainda *ampliar as distribuições e transferências de renda, a expansão do crédito, o investimento massivo nos serviços públicos além de valorizar o salário mínimo*¹⁶⁰. Com tais feitos, *as rendas familiares aumentaram e, por extensão, o consumo, estabelecendo mudanças significativas na pirâmide social do Brasil*¹⁶¹ ao possibilitar condições dignas de existência aos mais necessitados. A partir daquele momento, *produtos e serviços consumidos apenas pelos mais ricos começaram a se tornar acessíveis às populações de baixa renda*¹⁶², parecia, enfim, que, *com a redução massiva das desigualdades sociais na vida do país, encaminhávamo-nos para uma solidez das instituições republicanas*¹⁶³.

¹⁵⁶ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 204.

¹⁵⁷ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 204.

¹⁵⁸ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁵⁹ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 206.

¹⁶⁰ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 204.

¹⁶¹ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 203.

¹⁶² BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 203.

¹⁶³ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 206.

Isso em mente, à maneira do meu mineiro em entrevista concedida no evento de congratulação pelo recebimento do “Prêmio Camões” em 2022, arregimentei-me *da emoção que senti esbarrada em um momento muito triste do país e do mundo torcendo para que não precisasse mais ficar preocupado*¹⁶⁴ e revoltoso, como estive à última instância nos passados quatro anos que se findaram. Não obstante, justifica-se, também, o porquê da assertiva de Silviano, em concordância com meus princípios éticos *outros* de crítico biográfico fronteiriço, quando assevera que *estes trópicos vinham sendo razoavelmente governados*¹⁶⁵ pelo Partido dos Trabalhadores (PT) antes da guinada à direita. Essa, por sua vez, iniciada pelo golpe à Dilma, seguida pela prisão política de Lula, pela posse indevida de Michel Temer e, então, pela eleição de Jair Bolsonaro em 2018 demarcando o início do esfarelamento do tecido democrático brasileiro ao esboroar quaisquer princípios éticos pluriversais às exterioridades e as possibilidades de justiça social àqueles que necessitam dessa para sobreviver com mínima dignidade, em especial, na égide de suas corpo e geo-políticas fronteiriças.

A propósito da eleição de 2018 em que Jair Bolsonaro se tornou presidente, comparando os aspectos macropolíticos de seu governo com os de Lula no início do século XXI, os dados são ainda mais avassaladores, sobremaneira, quando cotejamos as perspectivas de reparações políticas, sociais, econômicas, institucionais, éticas, ideológicas etc. no porvir do futuro pelo atual governo. Para Miguel Lago, e aqui ofereço concordância absoluta, *é plausível apregoar sem reticências que o governo bolsonarista é o pior que se conhece desde que João VI adentrou estas terras e iniciou o processo de formação administrativa do Estado brasileiro*¹⁶⁶. Em termos específicos, seu saldo absolutamente negativo se engasta pela *perda de capacidade estatal, a economia que iniciava um processo de recuperação submergiu, retornamos ao mapa da fome e transcorremos o ano mais mortal da história geral do país*¹⁶⁷ pelo eclodir da pandemia de COVID-19

¹⁶⁴ SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

¹⁶⁵ SANTIAGO. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

¹⁶⁶ LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 19.

¹⁶⁷ LAGO. Como explicar a resiliência de Bolsonaro?, p. 19.

na égide do compromisso bolsonarista com a descartabilidade da vida, destituído de qualquer ética engastada na vida humana e em prol da acumulação irrestrita de riqueza por poucos.

Além do mais, quando decorridos mil dias de governo, Bolsonaro iniciou aquilo que Heloisa Starling conclama de “espécie de *tour* celebratória”¹⁶⁸ a partir da qual *concentrou seus discursos no uso da retórica ideológica em prol da evocação teopolítica de Deus quase como um espetáculo onde afirmava não ver mais as cores vermelhas, mas o verde-amarelo da “nossa” bandeira reverberando de todos os lados seu pseudo-nacionalismo tacanho*¹⁶⁹ e a reafirmação de um *anticomunismo delirante e fantasmático*¹⁷⁰ no que concerne ao seu oposto político Partido dos Trabalhadores (PT). Isso tudo ao mesmo tempo em que o país enfrentava *uma inflação crescente, o desemprego em alta e com 19 milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar literalmente caçando restos de alimentos em caçambas de lixo e em caminhões de supermercados*¹⁷¹.

Nessa esfera, exterior a qualquer baliza ética de vida e imbricado pelas minhas corpo e geo-políticas de homo-biográfico fronteiroço, não haveria outra vereda de escre(vi)ver este Brasil imperfeito senão pelo que meu Silviano explicita como *a transferência do lugar das minhas desavenças para a folha de papel à moda que o “progressista” no Brasil o faz no que compete à arena da política*¹⁷², pois meus escritos aqui tracejados pela insígnia da fronteira-sul *são permeados pelo sofrimento na luta por um país mais digno*¹⁷³ a todos sem exceção alguma. Fui pessimista em algum momento, confesso e não abnego o entrecortar do meu tempo histórico político em meu corpo, sensibilidade, afeto, desejo, sentimentos, desobediências, desprendimentos e desaprendizagens daquilo que não me pertence, mas, por outro lado, estas minhas teorizações *carregam*

¹⁶⁸ STARLING. Brasil, país do passado, p. 86.

¹⁶⁹ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

¹⁷⁰ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 236.

¹⁷¹ STARLING. Brasil, país do passado, p. 86.

¹⁷² SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

¹⁷³ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

*pústulas e sangue no pulsar de uma das sociedades mais injustas do planeta, tão injusta que quase não consegue se enxergar em seus desacertos no ensejo de abrir caminhos outros para emendar-se*¹⁷⁴.

Na chancela da ética política descolonial que apregoa toda e qualquer razão de ser a minha teorização de base pós-abissal e fronteira, percebo aquilo que a historiadora brasileira Lilia Moritz Schwarcz perlabora quando assente que *toda crise que se expande faz reaparecer nosso déficit republicano centrado bem no cerne da comunidade política*¹⁷⁵. Nesse intento, suscita-se a *falta de uma agenda ética comprometida com a transformação do sistema político e os comportamentos partidários ao combater as violências assaltantes de nossas liberdades*¹⁷⁶ e munindo quaisquer possibilidades de justiça social às exterioridades corpo e geo-políticas. Conforme venho destrinchando no campo comparatista entre Bolsonaro e Lula, àquele houve a exclusão absoluta de um *projeto de futuro*¹⁷⁷ orientado por um princípio ético comprometido com a vida¹⁷⁸; por outro lado, para o atual presidente, a única dimensão possível de um porvir do Brasil é “[...] antes de tudo vencer a resignação, que nos faz aceitar tamanha injustiça como fenômeno natural. Para vencer a desigualdade, falta vontade política daqueles que governam o mundo.”¹⁷⁹.

235

E, ainda, *o incentivo à diversidade cidadã, o combate às intolerâncias sociais, culturais e religiosas, a ampliação dos projetos educacionais e da saúde, o firmamento com compromissos de aperfeiçoamento das instituições e, sobretudo, a contestação implacável a quaisquer atos que atentem contra a ideia de “democracia” exigindo garantias constitucionais*¹⁸⁰. No correlato à baliza de uma agenda ética política e, por consequência, dos princípios fundamentais que a

¹⁷⁴ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

¹⁷⁵ SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 236.

¹⁷⁶ SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 236.

¹⁷⁷ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁷⁸ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 13.

¹⁷⁹ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

¹⁸⁰ SCHWARCZ. Quando o fim é também o começo, p. 237.

circundam de uma perspectiva descolonial, faz-se pujante a premissa de que em seu entorno *não há nada que possa ser considerado universal*¹⁸¹ senão a ideia fundamental da pluriversalidade. Essa visada *outra* da ética se distancia de maneira latente de quaisquer paradigmas morais cristãos, liberais ou até mesmo marxistas¹⁸² geridos pelo binômio indissociável modernidade/colonialidade na cosmologia ocidental¹⁸³. Nesse preciso sentido, cotejar a possibilidade de uma ética de base descolonial é, por condição *sine qua non*, intentar *um giro descolonial*¹⁸⁴ aquilatado na desobediência e no desprendimento epistêmicos.

Assim, pressupor um *giro descolonial*, em justaposição ao corolário de uma ética também dessa base crítica, implica *o afastamento dos paradigmas ético-morais e pseudo-universais gregos, daqueles advindos do Cristianismo e, em primordial, do par inseparável modernidade/colonialidade em todas suas subdivisões liberais e marxistas*¹⁸⁵. Tal premissa posta e crivada pelo requerido no bojo de uma agenda ética só pode ser pensada, então, na égide do respaldo de uma política estatal que se pretenda descolonial¹⁸⁶ em alguma medida – isso, claro, na seara de uma realidade empírica ideal no que compete ao cotidiano virulento do Brasil imperfeito e pretérito, ainda que, hoje, dotado de esperanças de um porvir pluriversal. Em palavras assertivas, o intelectual argentino Facundo Giuliانو assenta que *não se faz possível pensar uma ética descolonial destituída de uma política também descolonial à moda que a modernidade tem perpetuado destituindo tais vertentes uma da outra*¹⁸⁷.

Pelo contrário, no plano da idealidade, em especial, de um Brasil não mais imperfeito e pretérito, envolveria-se em um mesmo compêndio a estreita união *ética-política-educativa supondo uma leitura crítica da colonialidade renitente por aqui e o desprendimento aliado à reconstituição epistemológica enquanto*

¹⁸¹ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁸² GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁸³ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁸⁴ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁸⁵ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁸⁶ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁸⁷ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

*práxis de re-existência e ressurgência*¹⁸⁸. Ademais, o referido intelectual defende que a suposição básica de uma ética descolonial presume a ancoragem na *interseccionalidade*¹⁸⁹ *entre raça, classe, gênero, nacionalidade, idioma, religião a fim de se pensar em políticas outras com base nas situações geo e corpo-políticas* das exterioridades que grassam das fronteiras cujos contornos *foram delineados através da responsabilidade judaico-cristã carregada pela culpa e pelas feridas coloniais*¹⁹⁰ que entrecortam nossas existências dissidentes muitas vezes destituídas de quaisquer políticas públicas.

De alguma forma por via do exposto pelos discursos de Lula, outrora reproduzidos, consigo, no papel de crítico biográfico fronteiriço, perceber um pressuposto ético *outro*, não necessariamente descolonial, mas preocupado com as vidas e suas dimensões interseccionais¹⁹¹. Como quando direciona sua retórica às existências femininas, negras, indígenas, LGBTQIAP+, em condição de vulnerabilidade socioeconômica e até mesmo à importância incontestada do meio ambiente para nossa sobrevivência com o mínimo de qualidade de vida para todos. O que, claro, situa-se na absoluta contracorrente de tudo que foi dito, feito e pensado pelo Bolsonarismo nestes trópicos imperfeitos e pretéritos em estado, naquele momento, de absoluta destruição *sem um projeto mínimo de futuro*¹⁹² iniciado pela saída, à revelia, de Dilma Rousseff da presidência da república. Desde então, mais precisamente no que tange à catástrofe política consolidada em 2018, valho-me do meu mineiro para aferir que *nenhum dos informes políticos desse recorte temporal mereciam credibilidade no sentido ético do termo, sabe-se que algo podre acontecia no reino de Brasília sem requerir qualquer voz que viesse de fora*¹⁹³, *eis o cenário que nos encontrávamos: uma (des)arrumação do país*¹⁹⁴ *pelos ministérios dos ditos verde-amarelos*¹⁹⁵, *tacanhos*¹⁹⁶ e *delirantes*¹⁹⁷.

¹⁸⁸ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁸⁹ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁹⁰ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁹¹ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

¹⁹² BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

¹⁹³ SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 68.

¹⁹⁴ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

Frente a essa *(des)arrumação*¹⁹⁸ coadunada pelas despolíticas nos últimos anos, abre-se margem para problematizarmos, enfim, qual é a noção de “democracia” a qual estamos inseridos no Brasil e cujo princípio fundamental nós, cidadãos e pesquisadores orientados por uma perspectiva ética *outra* de mundo e de país, defendemos a todo custo. Etimologicamente, o construto político, de origem grega, “[...] tem em sua base duas palavras gregas: *DEMOS*, que significa ‘povo, distrito’ e *KRATOS* ‘Domínio, poder’, o que nos traz o significado de ‘poder do povo’ ou ‘governo do povo’.”¹⁹⁹. Diante disso, pergunto: transcorridos quatro anos de calamidade pública *sub judice* à desgovernabilidade bolsonarista respaldada por irrupções autoritárias, militarizadas, hipercapitalistas bem como pela fome generalizada, falta de dignidade aos vulneráveis, opressão e perseguição às exterioridades geo e corpo-políticas brasileiras, qual “democracia” é essa a qual tanto nos posicionamos em sua eterna defesa?

Em um primeiro momento, só consigo concebê-la, no chancelar do Brasil pretérito e imperfeito, por uma responsiva implacável: o completo esvaziamento de seu significado originário, visto que o dito “povo” foi relegado, pela *práxis* bolsonarista gerida por uma *gramática de poder*²⁰⁰ absolutamente voltada à destruição²⁰¹ como *modus operandi* de governabilidade, à completa escuridão da inexistência. Todavia, tal qual o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel assevera, sua disseminação generalizada tem uma raiz ainda mais hegemônica e questionável, uma vez que, nos últimos 500 anos, *passamos do cristianiza-te ou te dou um tiro do século XVI, para o civiliza-te ou te dou um tiro do século XIX, para o desenvolve-te e neoliberaliza-te ou te dou um tiro do século XX para, enfim, o democratiza-te ou te dou um tiro do nosso século XXI*²⁰². Em especial, no

¹⁹⁵ SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 68.

¹⁹⁶ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

¹⁹⁷ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 236.

¹⁹⁸ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

¹⁹⁹ Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-democracia/>.

²⁰⁰ SILVA. Dentro do pesadelo, p. 28.

²⁰¹ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

²⁰² GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 482.

que concerne ao imperialismo norte-americano e seus grilhões hegemônicos falseados pela premissa de “levarem *sua* dita democracia” neoliberal mundo afora.

Nas entrelinhas do explicitado por Grosfoguel, esconde-se uma problemática latente descoberta pela teorização descolonial: o horizonte pseudo-universal colonial/moderno de que *no referido processo não houve reconhecimento algum de formas outras de estruturas sociopolíticas*²⁰³, *a exemplo, as indígenas e não-europeias*²⁰⁴. O que conhecemos e acessamos, especialmente se considerarmos as estruturas da matriz colonial de poder que nos atravessa no correr do cotidiano e a partir da qual não conseguimos escre(vi)ver de maneira exterior, *é o formato liberal de democracia enquanto o único possível e legitimado, quaisquer outros contornos são, em absoluto, rejeitados*²⁰⁵. Nessa esfera, na baliza da relação Bolsonaro/Trump, quando se desobedece a seus paradigmas imperialistas, *mostra-se às vistas sua imposição hegemônica através da força mascarada em nome, por exemplo, das ideais de “civilização” e de “progresso”*²⁰⁶.

Urge, portanto, a necessidade de *reconceituarmos o ideário “democrático” com fim de descolonizar sua base liberal respaldada pela cosmologia ocidental racializada e autocentrada no capitalismo*²⁰⁷. Mais ainda, quando evoco a possibilidade *outra* de uma ética política descolonial apregoada nas vidas humanas dignas sem reticência alguma, sobremaneira, às exterioridades geo e corpo-políticas dissidentes atravessadas por aquilo que meu Silvano alcunhou de *linguagem do sofrimento revestida de miséria e dor*²⁰⁸ em que as pessoas, e nisso

²⁰³ GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 482.

²⁰⁴ GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 482.

²⁰⁵ GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

²⁰⁶ GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

²⁰⁷ GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

²⁰⁸ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

incluo figuras como Bolsonaro, *são pouco tolerantes diante do desamparo alheio*²⁰⁹. Para Mignolo, *todas as teorias políticas e econômicas disseminadas foram construídas pelas bases e experiências imperiais cujos cernes não questionam, tampouco, confrontam, em nenhuma medida, a colonialidade celebrando, por outro lado, a dita “modernidade”*²¹⁰ – primordialmente quando compreendemos que essa é apenas o outro lado da colonialidade.

O Brasil, com seu recente presente dotado das imperfeições pretéritas endossadas e alimentadas pelo Bolsonarismo, é um caso palpável tanto aos meus olhos críticos fronteiros quanto ao meu corpo homo-biográfico desse *não confronto à colonialidade e a comemoração ininterrupta da modernidade/colonialidade*²¹¹. Porém, ainda que minimamente, avançamos com a eleição de Lula na medida em que já se percebe a evocação de termos caros à perspectiva pós-abissal em sua retórica, como *Sul global*²¹², aliada à presença da *interseccionalidade*²¹³, referendada a partir de Facundo Giulliano neste trabalho, no empenho de prezar pelas pluriversais vidas dissidentes e vulneráveis do país pelo crivo de um princípio ético *outro* direcionado à mitigação da *linguagem do sofrimento revestida de dor*²¹⁴. Nesse ínterim, quando tensiono uma problematização à ideia liberal de “democracia”, estou *questionando suas funções e responsabilidades enquanto Estado destituído de harmonias comunais e sociais em que as corporações, os bancos e o Estado em si mesmo não trabalham em prol algum da colaboração*²¹⁵ generalizada em favor dos cidadãos.

Ademais, no bojo da percepção liberal e hipercapitalista da dita “democracia”, *vive-se para trabalhar e não se trabalha para viver*²¹⁶. Somando-se

²⁰⁹ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

²¹⁰ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 146.

²¹¹ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 146.

²¹² LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

²¹³ GIULIANO. La pregunta que luego estamos sí(gui)endo, p. 70.

²¹⁴ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

²¹⁵ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

²¹⁶ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

à representação Estatal e à exploração corporativa destituídas de quaisquer princípios harmônicos, comunais²¹⁷ ou até mesmo ético-políticos em favor da acumulação de riquezas para poucos que ignoram aquilo que Silviano afere enquanto *casos de padecimento; toleram, quando muito, sendo apenas ouvintes passivos, escutam e não ouvem com rostos de mentecaptos*²¹⁸. Ante esse cenário, Quijano me é fundamental quando pontua que *na América Latina não alçamos nunca a democratização das sociedades a ponto de fazer com que todos fossem tratados social, jurídica e politicamente iguais além do fato de que, nestes nossos trópicos brasileiros, as desigualdades se aliam às opressões raça/gênero que se converteram em base para as classificações sociais das vidas humanas e suas distribuições de poder*²¹⁹ na baliza da matriz colonial de poder que entrecorta nossas corpo e geo-políticas da exterioridade.

No papel de crítico biográfico fronteiriço, aproximo a *reconceituação epistemológica*²²⁰ proposta por Grosfoguel à *des/colonialidade*²²¹ defendida por Quijano em direção a, enfim, *aprendermos a desaprender para re-aprender*²²² o ideário quase fictício de “democracia” ao qual somos cooptados na rotina virulenta do hipercapitalismo²²³ desprovido de quaisquer agendas éticas *outras*. Alcinha-se, então, *a liberação dos conflitos sistemáticos e da perversa violência que respaldam as tendências do capitalismo no ensejo de que as pluriversalidades das vidas deixem de ser o argumento basilar para o endosso à desigualdade em prol da integração das pessoas com suas identidades diversas e individualmente livres*²²⁴. Para tal, é pujante o já trabalhado aqui enquanto *ética da libertação, ou ética assentada na vida, no cancelar da libertação dos mandos*

²¹⁷ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

²¹⁸ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 86.

²¹⁹ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 321.

²²⁰ GROSFOGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

²²¹ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 321.

²²² MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

²²³ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

²²⁴ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 429.

*hegemônicos sobre o trabalho, seus recursos, produtos, controle do sexo, da autoridade coletiva, das subjetividades e dos modus operandi de produção dos conhecimentos*²²⁵.

Não à toa, mesmo com todas as problematizações delineadas em torno do sistema político a partir do qual escre(vi)vemos, Silviano pontuou em 2022 que *a possível vitória de Bolsonaro era uma ameaça concreta à democracia com suas ligações fortes com a extrema direita*²²⁶. Compadeci-me na totalidade do meu corpo e mente com a aferição do meu mineiro ao pensar na possibilidade destrutiva que seria viver e re-existir²²⁷ mais quatro anos pela interceptação do descompromisso pujante com as exterioridades que nos atravessam e nos compõem enquanto os assujeitados dissidentes que somos. Bolsonaro perdeu a eleição para Lula, contudo, o intelectual mineiro já havia sinalizado seu receio *pelo cenário semelhante à invasão do Capitólio*²²⁸ (Figura 1) *ocorrida nos Estados Unidos*²²⁹ quando Joe Biden ganhou as eleições presidenciais de Donald Trump, e assim aconteceu. No dia 08 de janeiro de 2023, uma semana após a posse do então presidente eleito, grupos bolsonaristas invadiram e destruíram partes das sedes dos Três Poderes em Brasília²³⁰ (Figura 2) descortinando, de

²²⁵ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 429.

²²⁶ SANTIAGO. *Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia*, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

²²⁷ MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

²²⁸ O Capitólio, localizado em Washington D.C. nos Estados Unidos, é o espaço onde o Congresso do país se reúne para as tomadas de decisões. A invasão, ocorrida em 2021 durante sessão em prol dos resultados das eleições presidenciais, foi realizada sob a alegação de “fraude no processo eleitoral” e seus invasores eram compostos por membros de grupos da extrema-direita estadunidense apoiadores de Donald Trump. Os ditos “patriotas” entraram no Capitólio portando barras de ferros, *sprays* químicos e destruíram tudo que viram pela frente, inclusive objetos históricos. Disponível em: <https://www.politize.com.br/invasao-do-capitolio/>.

²²⁹ SANTIAGO. *Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia*, diz Silviano Santiago, vencedor do Prêmio Camões, s/p.

²³⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>.

maneira explícita, aquilo que Boaventura conclama de *fascismo social em co-existência à ideia de “democracia”*²³¹.



243

Figura 1 – Golpistas seguidores de Trump invadindo o Capitólio nos Estados Unidos durante sessão do Congresso em prol da divulgação dos resultados eleitorais à presidência.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/01/relembre-como-foi-a-invasao-do-capitolio-nos-eua-por-apoiadores-de-donald-trump.shtml>.

²³¹ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.



Figura 2 – Golpistas bolsonaristas invadindo o Palácio do Planalto em Brasília uma semana após a eleição do presidente Lula.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>.

À maneira que as imagens reproduzidas atestam, quase como um espalhamento dos pseudo-patriotas estadunidenses, golpistas e invasores do Capitólio, os bolsonaristas fizeram jus à insígnia de Bolsonaro enquanto “Trump dos trópicos” replicando suas práticas criminosas *sub judice* ao desrespeito completo ao processo eleitoral do Brasil e às ditas “bases democráticas”²³².

²³² Ainda no que concerne ao completo desrespeito ao processo eleitoral à presidência por parte do Bolsonarismo, julgo importante pontuar que, durante as votações do segundo turno de 2022, o Nordeste, enquanto região cuja vitória de Lula era iminente, foi alvo de 500 operações pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) de bloqueio às estradas no intuito de que a população daquele lugar não pudesse chegar aos seus locais de votação. O exposto reafirma, mais uma vez, como o Bolsonarismo sempre rechaçou quaisquer elementos que se pretendessem ser minimamente “democráticos”, mesmo que esses sejam passíveis de problematizações tais como aferi neste

Prefigurado nisso, Boaventura é salutar quando afere que *enquanto regime social, uma espécie de fascismo pode co-existir com a democracia política liberal não a sacrificando às exigências do capitalismo globalizado e a trivializando a ponto de não ser um impedimento para a promoção irrestrita do capitalismo*²³³. Por ser de caráter pluralista, esse formato de fascismo é desconhecido por nunca ter existido e nos desvela um horizonte absolutamente problemático em que *as sociedades são politicamente democráticas e socialmente fascistas*²³⁴ como o desvelar deste Brasil comprova, imperfeito à exaustão no presente pela interceptação do Bolsonarismo. No pluriverso total à paisagem de destruição descortinada, reproduz mais uma vez o discurso à ONU de Lula:

O neoliberalismo agravou a desigualdade econômica e política que hoje assola as democracias. Seu legado é uma massa de deserdados e excluídos. Em meio aos seus escombros surgem aventureiros de extrema direita que negam a política e vendem soluções tão fáceis quanto equivocadas. *Muitos sucumbiram à tentação de substituir um neoliberalismo falido por um nacionalismo primitivo, conservador e autoritário.* Repudiamos uma agenda que utiliza os imigrantes como bodes expiatórios, que corrói o Estado de bem-estar e que investe contra os direitos dos trabalhadores. De um lado, está a ampliação dos conflitos, o aprofundamento das desigualdades e a erosão do Estado de Direito. De outro, a renovação das instituições multilaterais dedicadas à promoção da paz.²³⁵

Diante do excerto em comparação com os eventos golpistas arrolados, valho-me dos dizeres de Lula ao aferir que, em meio à percepção de “democracia” a qual estamos inseridos e atravessados, destituída de uma *ética da libertação das vidas*²³⁶, entrevejo os *escombros deixados*²³⁷ pelo Bolsonarismo. *Esse, por sua*

subtítulo. Fonte: <https://www.brasilefato.com.br/2023/08/09/sob-comando-de-vasques-prf-fez-500-operacoes-com-bloqueio-de-estradas-no-2-turno-apesar-de-proibicao-do-tse>.

²³³ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

²³⁴ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

²³⁵ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p, grifos meus.

²³⁶ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

²³⁷ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

vez, legitimador dos aventureiros de extrema direita²³⁸ que negam uma ética política outra ao sucumbirem ao nacionalismo tacanho, conservador e autoritário²³⁹ revestido de um fascismo social²⁴⁰ latente aos meus olhos críticos biográficos fronteiriços nos quatro anos que se findaram. No bojo desse *fascismo social*²⁴¹, Silviano é salutar quando, no campo da política, sinaliza o rechaço à oposição figurada enquanto intrusa e inimiga, por isso governos que flertam com o autoritarismo se revestem tanto da burocracia e não suportam crítica se valendo da violência para impedir as vozes dissidentes²⁴² na (des)arrumação do país²⁴³ em prol da destruição enquanto projeto de poder²⁴⁴ inegociável.

Frente ao legado do neoliberalismo²⁴⁵ e, por extensão, ao seu formato de “democracia” exterior a quaisquer princípios éticos outros se entrevedo massas de deserdados e excluídos ao mesmo tempo em que muitos negam a política vendendo soluções “fáceis” e equivocadas²⁴⁶, tensiono o questionamento a seguir. Quais seriam, então, as perspectivas para-além do modelo democrático enviesado, cooptado e interceptado pelos pressupostos liberais, hipercapitalistas, modernos e coloniais difundidos e hospedados nestas fronteiras brasileiras, geostórico-epistêmicas, de contornos imperfeitos e pretéritos? Respalado em um arcabouço teórico de base crítica biográfica fronteiriça, só posso oferecer uma responsiva ética descolonial, isto é, o retorno às cosmologias não-modernas, em especial, às

²³⁸ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

²³⁹ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

²⁴⁰ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

²⁴¹ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

²⁴² SANTIAGO. Arrumar a casa, arrumar o país, p. 65.

²⁴³ JR. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país, s/p.

²⁴⁴ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

²⁴⁵ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

²⁴⁶ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

indígenas, na baliza das saídas e estratégias políticas *outras* imbricadas pelas insígnias do bem-viver e fazer comunal generalizados ao prezar pelas vidas em primazia às exigências de acumulação dos sistemas econômicos hipercapitalistas em voga.

Segundo Mignolo, *fraturas epistêmicas estão emergindo pelo mundo afora moldadas por histórias locais distintas no chancelar da união entre povo e Estado desprendidos das teorias políticas geridas pelas cosmologias ocidentais desde Platão, Aristóteles, Maquiavel, Hobbes a Locke*²⁴⁷. *Pari passu* a isso, povos indígenas clamam por suas próprias cosmologias *outras* no que compete às organizações econômicas, sociais, educativas e subjetivas delineando uma cisão entre as esferas religiosas, políticas e, sobretudo, éticas do Ocidente²⁴⁸. Em outras palavras, o tracejado implica nos voltarmos mais, por exemplo, aos povos originários localizados no estado de Mato Grosso do Sul, a partir do qual escre(vi)vo estas teorizações corpo e geo-políticas, circunscritos por seus modelos próprios de organização social, do que às teorias itinerantes²⁴⁹ viajantes do Norte para as exterioridades do nosso Sul global pouco refletindo nossas demandas políticas atravessadas pela ferida colonial que entrecorta nossas carnes assujeitadas à *linguagem do sofrimento*²⁵⁰ já evocada aqui através do meu mineiro.

247

Na égide dessas *fraturas epistêmicas emergindo para além das cosmologias liberais*²⁵¹, em especial, no que concerne à ideia de democracia, evoco o movimento mexicano zapatista delineado a partir de camponeses indígenas em prol da *revolução teórica de integração transformadora dos conhecimentos subalternizados, a exemplo daqueles situados em línguas e saberes ameríndios*²⁵². À revelia do conceito liberal de democracia, o Zapatismo, enquanto teoria e prática *outra*, descortina-se pelo *exercício dos movimentos sociais no para-almém*

²⁴⁷ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

²⁴⁸ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

²⁴⁹ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 240.

²⁵⁰ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

²⁵¹ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

²⁵² MIGNOLO. *La revolución teórica del Zapatismo*, p. 05.

dos acontecimentos históricos e sociais passíveis de serem reduzidos a “objetos de estudos”²⁵³ das humanidades. Pelo contrário, está pressuposto pelo começo de diversas histórias locais que “desmembram” os projetos globais e o imaginário hegemônico o rearticulando pelo crivo das histórias locais²⁵⁴. Esboroa-se, assim, o horizonte pseudo-democrático do “bom para todos” implicado na *práxis* do sistema político democrático, de base liberal, no qual somos cooptados a sobreviver intermediados pela falsa sensação de que primamos pela coletividade generalizada.

Na contracorrente do que se poderia supor *a priori*, o Zapatismo está situado na diferença tanto dos projetos socialistas quanto liberais²⁵⁵ descortinando um caminho político *outro*, descolonial, ao que nos fizeram acreditar que seria o único formato de vida possível. Nesse matiz, Mignolo²⁵⁶ atesta que tais formas de pensamentos desconhecem, na mesma medida, perspectivas de saberes em línguas e histórias não-ocidentais situadas nas exterioridades, ignorando, por extensão, as denúncias aplicadas à modernidade e seus crimes aos supostos “outros” rasgados pelo peso das desigualdade, como neste Brasil pretérito e imperfeito. Na esteira da intelectual guatemalteca Rigoberta Menchú²⁵⁷, o Zapatismo não seria um pensamento fundamentalista e milenarista concluso em si mesmo, menos ainda única e exclusivamente resistência indígena, mas, sim, uma etapa para além da resistência. Enquanto momento necessário de uma *revolução cultural e teórica*²⁵⁸, o Zapatismo aquilata o retorno às cosmologias ignoradas e extrínsecas às teorias modernas/coloniais.

Contudo, à maneira aferida por Mignolo, não pretende se converter, em nenhuma instância, em “doutrina universal” tal qual os (neo)liberalismos e (neo)socialismos emergidos pelas quatro regiões do planeta, sobremaneira, através da dita “democracia”. É pluriversal a tais sistemas políticos enquanto *o resultado*

²⁵³ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

²⁵⁴ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

²⁵⁵ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

²⁵⁶ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

²⁵⁷ MENCHÚ *apud* MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 02.

²⁵⁸ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 02.

*de um choque cultural entre intelectuais indígenas e não-indígenas*²⁵⁹ estabelecendo “traduções” concomitantes entre as duas cosmologias, isto é, conhecimentos fronteiriços não focalizados no indivíduo e, sim, na comunidade e nas diferentes maneiras de concebê-la²⁶⁰. À revelia do conceito liberal de “democracia”, no ensejo de pensar *a partir da fronteira*²⁶¹, delineia-se uma preocupação *outra* no Zapatismo, isto é, a *perspectiva da colonialidade*²⁶² e as desigualdades decorridas de suas artimanhas modernas hegemônicas – o que, para mim, é ausente nos debates ditos “democráticos” no Brasil pretérito e imperfeito circunscrito pela racialização renitente dos corpos dissidentes tornados exteriorizados no aspecto macropolítico do país.

Em um preciso sentido, o Zapatismo, *ao estabelecer imaginários culturais e teóricos outros, acaba por fragmentar o imaginário hegemônico das histórias locais frente ao universalismo abstrato das visadas liberais e socialistas permeadas pelos ideários cristãos, civilizadores e mercantis do capitalismo*²⁶³. Para o movimento mexicano, utilizado por mim neste texto enquanto exemplificação de uma possível saída descolonial para a frágil democracia na qual estamos aportados, *estabelece-se a fragmentação enquanto projeto universal, jamais a homogeneidade, em suposição, “coletiva”, delineada em favor das singularidades das histórias locais negadas pelas expansões ocidentais, coloniais e modernas nos últimos séculos*²⁶⁴. Nesse horizonte *outro*, em essencial, pelo entrecortar da dita “democracia”, entrevejo que mulheres, indígenas, negros, pobres, dissidentes sexuais, como eu e Silviano, etc. *até podemos “ser considerados partes do país”, entretanto, sempre em posições de subordinação controlados, em absoluto, pelo conceito de “direito” através das posições hegemônicas coloniais*²⁶⁵.

²⁵⁹ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 03.

²⁶⁰ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 10.

²⁶¹ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 10.

²⁶² MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 10.

²⁶³ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

²⁶⁴ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 11.

²⁶⁵ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

Com isso, o Zapatismo me é necessário aqui no intuito de compreender melhor que *podemos reivindicar nossos “direitos” na participação coletiva de suas constituições, não enquanto meros objetos inertes e amorfos dos “direitos humanos”*²⁶⁶. Então, Mignolo traz à tona a seguinte expressão dita por uma mulher indígena: “Os zapatistas nos devolveram a dignidade”²⁶⁷; isso, pois, inquire-se *o desvelar da consciência crítica e a retomada da posse dos espaços de nossas “dignidades humanas” escamoteadas pelos “direitos humanos”*²⁶⁸, situados nos ideários pretendidos “democráticos” e “coletivos”. Dito de outra maneira, tal movimento nos desvela o espaço da *reprodução da vida e das lutas, indígenas ou não, por casa, terra, comida etc. enquanto partes integrantes do que, de um prisma descolonial, implica ter ou não “dignidade”*²⁶⁹. Entendo, portanto, que o Zapatismo compreende *não uma amplificação do conceito liberal de democracia passível de incluir os marginalizados; por outro lado, defende a modificação do rumo da história e da organização social pensadas à revelia dos capitais, do mercado e da racionalidade ocidental dominante*²⁷⁰ – esses, por sua vez, atravessados pela dispensabilidade das vidas exteriorizadas.

Mignolo²⁷¹ assinala ainda que a conceitualização de “democracia” se faz mais entendível para aqueles que enxergam a concepção de base liberal ao perder de vista o esvaziamento de seu sentido original pelo liberalismo o deslocando a tal ponto que experienciamos o rompimento de seu sentido com a sucessão do vivido no correr da vida e, em um viés geo-político, o Brasil pretérito e imperfeito salta frente aos meus olhos descoloniais. Na chancela do Zapatismo, *ênfatiza-se o problema circunscrito nas fragilidades das bases liberais da democracia, em especial, no que compete a governos que “governam obedecendo”*²⁷², ou seja, obedecem aos mercados, agronegócio, grandes empresários poderosos,

²⁶⁶ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

²⁶⁷ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

²⁶⁸ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

²⁶⁹ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 09.

²⁷⁰ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 06.

²⁷¹ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 06.

²⁷² MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 06.

barganham com figuras políticas despreocupadas com *a reprodução das vidas*²⁷³ exteriorizadas ao passo que grandes parcelas das populações sobrevivem e re-existem sem condições mínimas de dignidade. Por essa razão, zapatistas defendem *não o Estado que os marginalizou, e, sim, um Estado que não seja cúmplice situado na contracorrente das artimanhas hegemônicas das racionalidades ocidentais e liberais tanto dos projetos globais quanto dos mercados*²⁷⁴. Em suma, *um pensamento de fronteira em diversos níveis que atue nas e partir das margens pela fragmentação enquanto projeto universal passível de “traduzir” as relações de poder entre exterioridades e interioridades*²⁷⁵.

Sendo assim, descortina-se a necessidade de trabalharmos em favor da presença incontestada das opções descoloniais em nossos sistemas organizacionais políticos, em especial, no que se compreende hoje enquanto “democracia”. Isso, pois, *a lógica da colonialidade – capitalismo, formações Estatais, educação universitária, mídias enquanto mercadorias etc. – continua “nivelando” o mundo pelo crivo de seus grilhões hegemônicos desprovidos de princípios éticos às vidas, sobretudo, àquelas subjugadas revestidas de miséria e dor*²⁷⁶. Defendo, portanto, *as mudanças radicais aportadas nas opções descoloniais a fim de nos desconectarmos e nos desprendermos da cosmologia ocidental cuja matriz torna “aceitável” a descartabilidade humana por estratégias coloniais que abrem brecha para a “civilização” da morte, como com a fome, trabalhadores em situação análoga à escravidão, genocídios e eliminação, para não dizer morte, às diferenças custe o que custar*²⁷⁷.

Uma ética *outra*, pressuposta pela libertação²⁷⁸, pelos saberes descoloniais e com enfoque nas existências humanas, *suleadora* de uma organização política também *outra* que não àquela de base liberal²⁷⁹ e pseudo-democrática, *vai em*

²⁷³ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 09.

²⁷⁴ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 08.

²⁷⁵ MIGNOLO. La revolución teórica del Zapatismo, p. 07.

²⁷⁶ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

²⁷⁷ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

²⁷⁸ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

²⁷⁹ SANTOS. Para além do pensamento abissal, p. 47.

*direção a civilizações que encorajem e comemorem as vidas do planeta*²⁸⁰, e deste país pretérito e imperfeito, atravessadas pelas perspectivas do bem-viver e fazer-comunais em um Estado materno²⁸¹. Intenta-se, então, como possível saída, a aliança entre as opções descoloniais²⁸² + ética política *outra*²⁸³ + princípio da libertação²⁸⁴ + bem-viver e fazer comunal²⁸⁵ + reconceitualização epistemológica²⁸⁶ na guisa de *aprendermos a desaprender para re-aprendermos*²⁸⁷ os fundamentos de uma sociedade realmente aportada no coletivo em colaboração²⁸⁸ desprendida das razões e postulados gestados no seio da modernidade/colonialidade em uma cosmologia que não a nossa de adentrar e experienciar o Brasil cuja matriz está enviesada por uma ferida que não cessa em sangrar.

Na baliza das cosmologias *outras* implicadas nas filosofias políticas dos povos indígenas re-existent, alia-se o prefixo “re” ao “de” da descolonialidade em um laço entre o desprendimento e a reconstituição epistemológica, política, ética e subjetiva²⁸⁹ a serviço de horizontes descoloniais de existência²⁹⁰. Com tal intento em primeiro plano, Mignolo o estende às *orientação das práxis do bem-viver em equilíbrio e com plenitude intermediadas pela ideia de desprendimento ao dito “desenvolvimento” e à “exploração da vida”, inclusive da natureza, em detrimento às artimanhas modernas/coloniais de poder desveladas pela tentativa*

²⁸⁰ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 315.

²⁸¹ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 145.

²⁸² GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

²⁸³ GIULIANO. La pregunta que luego estamos si(gui)endo, p. 70.

²⁸⁴ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 11.

²⁸⁵ SEGATO. La perspectiva de la colonialidad del poder, p. 58.

²⁸⁶ GROSFUGUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais, p. 483.

²⁸⁷ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 305.

²⁸⁸ MIGNOLO. Distancia física y armonía comunal/social, p. 149.

²⁸⁹ MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 41.

²⁹⁰ MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 41.

*de des/colonialidade do poder*²⁹¹, nos dizeres do intelectual argentino à luz de Quijano. Conjeturar, portanto, um modelo político *outro*, contraposto ao liberal e dito “democrático”, requer *a participação das organizações que re-existem clamando por justiça e equidade disseminadas por todas as esferas da existência humana a fim de horizontes históricos pluriversais que não nos submetam às balizas de crescimento e desenvolvimento*²⁹² do hipercapitalismo²⁹³.

Defendo, como condição *sine qua non* crítica biográfica fronteiriça, modelos políticos *outros* em consonância a éticas *outras que nos libertem dos grilhões da modernidade/colonialidade, do progresso, do desenvolvimento*²⁹⁴, *dos escombros do neoliberalismo*²⁹⁵, à maneira que aferiu Lula, das imposições hipercapitalistas e, fundamentalmente, *das múltiplas linguagens dos sofrimentos*²⁹⁶, no prefigurado por meu Silviano. Queremos e necessitamos de princípios políticos *outros* a fim de que nós e os nossos possamos *viver em harmonia e plenitude com todas as formas de existências, humanas ou não*²⁹⁷, sem que tenhamos que sobreviver e re-existir²⁹⁸ sem a iminência de que *nossas vidas estão em risco*²⁹⁹. Para tal, utilizo-me do proferido por Quijano quando delinea os fundamentos básicos para o que conclama de *des/colonialidade do poder*³⁰⁰, sendo essa, por sua vez, a base de quaisquer sistemas políticos e éticos *outros* aos que acessamos no correr do cotidiano liberal neste Brasil imperfeito.

²⁹¹ MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 41.

²⁹² MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 43.

²⁹³ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, s/p.

²⁹⁴ MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 43.

²⁹⁵ LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU, s/p.

²⁹⁶ SANTIAGO. *Em liberdade*, p. 26.

²⁹⁷ MIGNOLO. La descolonialidad del vivir y del pensar, p. 43.

²⁹⁸ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

²⁹⁹ SANTIAGO. Inconveniências do corpo como resistência, p. 19.

³⁰⁰ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 372.

Dentre o arrolado pelo crítico peruano, menciono: 1. *Igualdade social entre pessoas heterogêneas e diversas com absoluto confronto às desiguais classificações raciais, sexuais e sociais das populações*; 2. *As diferenças, tampouco, as identidades não serem mais utilizadas como argumento da desigualdade*; 3. *As agrupações e pertencimento identitários, como condição sine qua non, produto das decisões livres e autônomas de indivíduos também livres*³⁰¹. Ademais, 4. *Reciprocidade entre grupos e indivíduos tratados socialmente iguais no âmbito do trabalho e da distribuição dos produtos*; 5. *Retribuição igualitária dos recursos e produtos, materiais ou não, entre os povos e, então, 6. Tendências às associações comunais entre as sociedades em escalas regionais, nacionais e globais tais como as formas de gestão direta das autoridades com foco nos mecanismos de redistribuição de direitos, obrigações, responsabilidades, recursos, produtos entre os grupos e os indivíduos nos mais variados contextos de suas existências seja na esfera do social, sexo/gênero, trabalho, subjetividade etc. e suas co-responsabilidades com todos os seres que nos cercam*³⁰².

Realizar o arrolado por Quijano implica prezar pela absoluta contracorrente ao que experienciei no Brasil presente e imperfeito nos últimos quatro anos sob o império autoritário, moderno/colonial e hipercapitalista do Bolsonarismo. Desse viés político posicionado à extrema direita, por exemplo, *reciprocidade na organização do trabalho e a distribuição “democrática” de seus recursos e produtos*³⁰³ se fizeram inexistentes. E, ainda, prefigurado pela destituição de princípios minimamente éticos em prol do prezar pelas *vidas em risco*³⁰⁴, como bem pontuou meu mineiro em 2019 pelo atravessamento do desgoverno em curso naquele momento, *“democracia” significou apenas a negociação institucionalizada dos partidos políticos e seus conflitos entre vencedores e vencidos, mas em situação de absoluto desdém com cotidianos de reciprocidade ou mesmo solidariedade*³⁰⁵ entre as agendas políticas bolsonaristas e as demandas

³⁰¹ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 372.

³⁰² QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 372.

³⁰³ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 435.

³⁰⁴ SANTIAGO. *Inconveniências do corpo como resistência*, p. 19.

³⁰⁵ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 435.

que emergiam de todos os lados e fronteiras deste país de estruturas geostóricas continentais.

Qual o resultado *disso* tudo discutido e problematizado neste trabalho em torno dos horizontes hegemônicos modernos/coloniais coadunados pelo Bolsonarismo na *desarrumação do país, sem um projeto de futuro*, gritando aos que queriam ouvir que *algo deu errado e que o plano de poder exercido era em direção à destruição como método de governabilidade federal?*³⁰⁶ Ainda que não sendo suficiente ao considerarmos todas as atrocidades discursadas e crimes cometidos nos últimos quatro anos de desgoverno, em junho de 2023, *Bolsonaro se tornou inelegível pelos próximos oito anos*³⁰⁷ por 5 votos favoráveis e dois contrários pelo Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)³⁰⁸ em virtude dos argumentos de “*abuso de poder político*”³⁰⁹ e “*uso indevido dos meios de comunicação*”³¹⁰ durante reunião no Palácio da Alvorada em 2022³¹¹. Como se não bastasse, também em 2023, foi comprovado que o ex-presidente “*tentou claramente dar um golpe de Estado*”³¹², nas palavras de Mauro Cid³¹³, ex-

³⁰⁶ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 12.

³⁰⁷ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>.

³⁰⁸ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>.

³⁰⁹ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>.

³¹⁰ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>.

³¹¹ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>.

³¹² Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>.

³¹³ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>.

ajudante do “Trump dos trópicos”, com aval do então comandante da Marinha Almir Garnier Santos³¹⁴.

Para meu Silviano, desses quase eternos quatro anos, *os sofrimentos anônimos e comunitários não se fizeram diferentes do íntimo e talvez tenham sido até mais intensos, pois não há como dar nome ainda a todos os desastres mortais pelos quais nós e nossos entes queridos transcorremos*³¹⁵ – em específico, no que concerne ao destrato à pandemia com mais de 600 mil vidas³¹⁶ ceifadas pelo completo descompromisso ético do Bolsonarismo com as vidas. Para meu mineiro e para mim, *os acontecimentos ainda são absolutamente recentes e queimam nossas sensibilidades fragilizadas*³¹⁷, no meu caso, dotadas de uma pujante revolta fronteiriça³¹⁸ emergida pelo experienciar em minhas corpo e geo-políticas dissidentes as despolíticas modernas/coloniais às quais fomos obrigados a re-existir³¹⁹ e que aqui tentei dar conta de escre(vi)ver pela insígnia da crítica biográfica fronteiriça revoltosa³²⁰, mas, em alguma medida, atravessada pela esperança³²¹ do porvir. Aos que se foram em virtude do descaso latente do ex-desgoverno com as existências humanas pluriversais, *prevalecem as vidas desses quase como feridas abertas em nossas memórias coletivas e individuais*³²².

Se, para Silviano em entrevista de 2021 no bojo da dita “democracia”, *política é invenção*³²³, quero me revestir de esperança³²⁴ e acreditar que Lula

256

³¹⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>.

³¹⁵ SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

³¹⁶ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. Introdução, p. 08.

³¹⁷ SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

³¹⁸ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

³¹⁹ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 31.

³²⁰ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

³²¹ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

³²² SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

³²³ SANTIAGO. ‘Política é invenção’, defende o escritor e crítico Silviano Santiago, s/p.

³²⁴ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

*inventará*³²⁵ um Brasil menos desigual, imperfeito e pretérito ou, em outros termos, um pluriversal da/na política apregoada na ética que preze pelas vidas³²⁶ e as liberte dos sistemas hegemônicos de dominação ao qual somos, à revelia, obrigados a re-existir³²⁷ no transcórre do cotidiano virulento. Dessa maneira, entrevejo que Bolsonaro e Lula se situam em espaços políticos absolutamente opostos. Enquanto aquele se revestiu de *políticas de morte em marcha ao apocalipse*³²⁸ em todas as direções de *destruição*³²⁹ possíveis, o atual presidente, mesmo com suas questões internas e partidárias, dialoga com a vida em suas pluriversalidades *interseccionais*³³⁰ demonstrando um princípio ético *outro*, inclusive corpo e geo-político, em relação ao *Sul global*³³¹ que empreende o Brasil em suas imperfeições pretéritas. Todavia, tal qual nos escancara a matéria “Eleições 2022: ‘Votação mostra que reação conservadora não está se esgotando como se pensava’, diz professor de Harvard”³³², Bolsonaro pode ter perdido e deixado o poder, mas suas predileções ético-ideológicas ganharam força nesses anos, legitimadas por suas falas e práticas, estando longe do fim³³³.

Segundo Sidney Chalhoub, professor de História e Estudos Africanos e Afro-Americanos da Universidade Harvard³³⁴, “[...] essa onda eleitoral indica que não só não se esgotou, mas pode [...] sobreviver democraticamente e ter força para influenciar a democracia, porque conta com uma quantidade grande de eleitores”³³⁵. Ainda ressalta que “[...] tudo indica agora para uma resiliência e uma

³²⁵ SANTIAGO. ‘Política é invenção’, defende o escritor e crítico Silviano Santiago, s/p.

³²⁶ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 15.

³²⁷ MIGNOLO. *Desafios decoloniais hoje*, p. 31.

³²⁸ SANTOS. *O futuro começa agora*, p. 45.

³²⁹ BIGNOTTO; LAGO; STARLING. *Introdução*, p. 12.

³³⁰ GIULIANO. *La pregunta que luego estamos si(gui)endo*, p. 70.

³³¹ LULA. *Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU*, s/p.

³³² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>.

³³³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>.

³³⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>.

³³⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>.

continuidade de longo prazo e, agora, nem sabemos se essa reação conservadora será derrotada neste ciclo, e isso surpreender.”³³⁶. O explicitado descortina uma absoluta coerência com as realidades imperfeitas do Brasil revestido pela matriz colonial de poder, em específico, quando se entende o pontuado por Boaventura de que *um fantasma assombra o Brasil*³³⁷ e *as conquistas sociais dos últimos quinze anos, que pareciam tão sólidas, desfizeram-se no ar escancarando que as organizações sociais e políticas que as promoveram estiveram desarmadas a ponto de pensarmos se alguma vez tiveram realmente força*³³⁸.

Quem nos garante que daqui a quatro anos não sofreremos outra derrota no nível da hecatombe alargada com as eleições de 2018? Minha esperança³³⁹ pujante no futuro me faz querer acreditar que não, mas, ao mesmo tempo, sou tomado pelas reminiscências de um passado tão presente em meu imaginário *pelos acontecimentos que, de algum modo, ainda estão vivos*³⁴⁰ e *queimam minhas sensibilidades fragilizadas*³⁴¹. *Em uma sociedade tão desigual e discriminatória como o Brasil*, só posso me manter vivo em direção às vidas exteriorizadas, *se acreditar em possíveis medidas que ampliem as inclusões sociais e as participações das minorias independentemente dos interesses das classes dominantes que só promovem exclusão, discriminação e autoritarismo*³⁴². Na baliza de Quijano, *preciso acreditar que o futuro é um espaço temporal aberto e não a mera prolongação do passado*³⁴³, ainda que a teorização *outra* acerca deste Brasil pretérito e imperfeito, na esteira do meu Silviano, situe-me neste entre-lugar entre o otimismo e o pessimismo no entorno do que atravessa minha sensibilidade³⁴⁴ de país.

³³⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>.

³³⁷ SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 405.

³³⁸ SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 405.

³³⁹ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

³⁴⁰ SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

³⁴¹ SANTIAGO. Silviano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

³⁴² SANTOS. A democracia brasileira na encruzilhada, p. 405.

³⁴³ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 247.

³⁴⁴ MIGNOLO. Desafios decoloniais hoje, p. 20.

Encaminhando-me para o encerramento deste trabalho, concluo minhas problematizações políticas, agora, mais esperançosas³⁴⁵ do que revoltosas³⁴⁶, acreditando que, *depois de 500 anos*³⁴⁷, *é a primeira vez na história dessa matriz colonial de poder que não apenas pensamos um futuro pluriversal, mas, de fato, trabalhamos em prol dele convivendo, de alguma forma, com o que necessitamos pari passu aos contornos de seu delineamento*³⁴⁸. Nas entrelinhas disso, *não se localizam meras imagens, expressões de esperanças ou um sentimento clássico de utopia enquanto algo que não tem lugar no universo, pelo contrário, está aqui e urge a necessidade de materializarmos a completude dessa realidade outra*³⁴⁹. À luz de Quijano, entrevejo que *depois desses 500 anos de derrotas, de todos, não apenas de alguns, emerge não só um discurso, e, sim, uma perspectiva história outra na qual se perfilam embates a partir do quais as mercadorias e os lucros deixem de ser a premissa basilar de tudo*³⁵⁰. Portanto, envolvo-me, em aliança com meu mineiro, ora à semelhança ora à diferença, dos *acontecimentos ainda recentes que queimam nossas sensibilidades fragilizadas*³⁵¹ em co-existência às *feridas abertas na memória individual e coletiva*³⁵² a fim de problematizar e cotejar um Brasil menos imperfeito no presente o quanto se fizer possível na realidade material entrecortante destes trópicos ainda coloniais.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Tainá. Bolsonaro deixa presidência com recorde histórico de desmatamento em Áreas Protegidas. 2022. Disponível em: <[https://www.socioambiental.org/noticias-](https://www.socioambiental.org/noticias)

³⁴⁵ BIGNOTTO. *O Brasil à procura da democracia*, p. 192.

³⁴⁶ NOLASCO. *O teorizador vira-lata*, p. 23.

³⁴⁷ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

³⁴⁸ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

³⁴⁹ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

³⁵⁰ QUIJANO. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*, p. 325.

³⁵¹ SANTIAGO. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

³⁵² SANTIAGO. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional, s/p.

socioambientais/bolsonaro-deixa-presidencia-com-recorde-historico-de-desmatamento-em-areas>. Acesso em: 22 jul 2023.

BARIFOUSE, Rafael. Eleições 2022: 'Votação mostra que reação conservadora não está se esgotando como se pensava', diz professor de Harvard. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BBC. As acusações e suspeitas que pairam sobre a família Bolsonaro. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c99n52wrdyno>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BIGNOTTO, Newton. *O Brasil à procura da democracia: da Proclamação da República ao século XXI (1889-2018)*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. Introdução. In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 07-18.

CAMAZANO, Priscila. Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CARTA CAMPINAS. Em poucos dias, pelo menos três escândalos de corrupção da família Bolsonaro vieram à tona. 2023. Disponível em: <<https://cartacampinas.com.br/2023/05/em-poucos-dias-pelo-menos-tres-escandalos-de-corrupcao-da-familia-bolsonaro-vieram-a-tona/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CARVALHO, Igor. Bolsonaro soube da tragédia yanomami, mas ignorou; parlamentares reagem: 'Crime de lesa-pátria'. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/05/12/bolsonaro-soube-da-tragedia-yanomami-mas-ignorou-parlamentares-reagem-crime-de-lesa-patria>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CÉSAR, Davi. Região Nordeste possui metade de toda a pobreza no Brasil, segundo IBGE. 2020. Disponível em: <<https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CONTEÚDO, Marco Zero. “Norte e Nordeste sofrem mais fortemente os efeitos das desigualdades existentes no país”, diz economista. 2022. Disponível em: <<https://marcozero.org/norte-e-nordeste-sofrem-mais-fortemente-os-efeitos-das-desigualdades-existent-no-pais-diz-economista/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

ESTADÃO. Agronegócio: veja os 10 principais Estados produtores do Brasil. 2023. Disponível em: <<https://summitagro.estadao.com.br/comercio-exterior/agronegocio-veja-os-10-principais-estados-produtores-do-brasil/>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

G1. Lula ganhou em 13 estados e Bolsonaro venceu em 14 no 2º turno das eleições 2022. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/31/lula-ganhou-em-13-estados-e-bolsonaro-venceu-em-14-no-2o-turno-das-eleicoes-2022.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GIULIANO, Facundo. La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica. In: GIULIANO, Facundo (org.). *¿Podemos pensar los no-europeos?* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018, p. 11-73.

GRAMÁTICA. Etimologia de “democracia”. 2023. Disponível em: <<https://www.gramatica.net.br/etimologia-de-democracia/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

JR, Antonio Brasil. (Des)arrumar a casa, (des)arrumar o país. 2023. Disponível em: <<https://blogbvps.com/2023/05/08/hospedagem-vale-quanto-pesa-desarrumar-a-casa-desarrumar-o-pais-por-antonio-brasil-jr/#>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

LAGO, Miguel. Como explicar a resiliência de Bolsonaro? In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 19-69.

LULA. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-78a-assembleia-da-onu>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MENEGASSI, Duda. Relatório expõe agronegócio como grande motor do desmatamento ilegal de florestas. 2021. Disponível em: <<https://oeco.org.br/noticias/relatorio-expoe-agronegocio-como-grande-motor-do-desmatamento-ilegal-de-florestas/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MIGNOLO, Walter. La revolución teórica del Zapatismo: sus consecuencias históricas, éticas y políticas. In: *Orbis Tertius*. año 2, n. 5. La Plata: En Memoria Académica, 1997, p. 63-81.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-2014). Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

MIGNOLO, Walter. La descolonialidad del vivir y del pensar: desprendimiento, reconstitución epistemológica y horizonte histórico de sentido. In: QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 11-45.

MIGNOLO, Walter. Distancia física y armonía comunal/social. In: GRIMSON, Alejandro (org.). *El futuro después del COVID-19*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Argentina Futura, 2021, p. 137-150.

MORAES, Taynara da Mata. Invasão do Capitólio: saiba o que foi e como aconteceu. 2022. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/invasao-do-capitolio/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

MST. 17 escândalos de corrupção do governo Bolsonaro. 2022. Disponível em: <<https://mst.org.br/2022/10/06/17-escandalos-de-corrupcao-do-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editorial, 2022.

OLIVEIRA, Carolina. Sob comando de Vasques, PRF fez 500 operações com bloqueio de estradas no 2º turno, apesar de proibição do TSE. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/08/09/sob-comando-de-vasques-prf-fez-500-operacoes-com-bloqueio-de-estradas-no-2-turno-apesar-de-proibicao-do-tse>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PAJOLLA, Murilo. Agronegócio foi responsável por 97% do desmatamento no Brasil em 2021. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/07/19/agronegocio-foi-responsavel-por-97-do-desmatamento-no-brasil-em-2021>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PAJOLLA, Murilo. Desmatamento cresce 22% no Brasil em 2022; agropecuária é principal responsável, diz Mapbiomas. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/06/12/desmatamento-cresce-22-no-brasil-em-2022-agropecuaria-e-principal-responsavel-diz-mapbiomas>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PRAZERES, Leandro. Com recorde de queimadas no Pantanal, Bolsonaro diz que Brasil 'está de parabéns' na preservação do meio ambiente. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/com-recorde-de-queimadas-no-pantanal-bolsonaro-diz-que-brasil-esta-de-parabens-na-preservacao-do-meio-ambiente-24644929>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PT. Percepção da corrupção: lembre escândalos do governo Bolsonaro. 2022. Disponível em: <<https://pt.org.br/percepcao-da-corrupcao-lembre-escandalos-do-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

SANTIAGO, Silviano. Arrumar a casa, arrumar o país. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 65-68.

SANTIAGO, Silviano. Inconveniências do corpo como resistência. 2019. Disponível em: <https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SANTIAGO, Silviano. Nó, nós. In: *Revista Electra*. n. 8. Porto: Fundação EDP, 2020, p. 164-173.

SANTIAGO, Silviano. “Política é invenção”, defende o escritor e crítico Silviano Santiago. 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/02/17/interna_cultura,1238489/politica-e-invencao-defende-o-escritor-e-critico-silviano-santiago.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2022a.

SANTIAGO, Silviano. Vitória de Bolsonaro é ameaça concreta à democracia, diz Silviano Santiago, vencedor do Prémio Camões. 2022b. Disponível em: <<https://expresso.pt/internacional/brasil/eleicoes/2022-10-27-Vitoria-de-Bolsonaro-e-ameaca-concreta-a-democracia-diz-Silviano-Santiago-vencedor-do-Premio-Camoes-f5c361ec>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

SANTIAGO, Silvano. Silvano Santiago recebe o Prêmio Camões na Biblioteca Nacional: discurso à altura. 2023. Disponível em: <<http://surl.li/nshgf>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A democracia brasileira na encruzilhada. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pneumatóforo: escritos políticos (1981-2018)*. Coimbra: Edições Almedina, 2018, p. 405-471.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando o fim é também o começo: nossos fantasmas do presente. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 223-237.

SEGATO, Rita. La perspectiva de la colonialidad del poder. In: QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019, p. 51-88.

SILVA, Fernando de Barros e. Dentro do pesadelo. In: *Revista Piauí*. ed. 164, ano 14. Rio de Janeiro: Editora Alvinegra, 2020, p. 26-29.

SOARES, Gabriella. Bolsonaro foi o cabeça da tentativa de golpe, diz Randolfe. 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/congresso/bolsonaro-foi-o-cabeca-da-tentativa-de-golpe-diz-randolfe/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

STARLING, Heloisa M. Brasil, país do passado. In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 70-119.

TRICONTINENTAL. O avanço do agronegócio sob o governo Bolsonaro. 2019. Disponível em: <<https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-avanco-do-agronegocio-sob-o-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

TSE. Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos. 2023. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

VEJA. Filhos de Bolsonaro racham após escândalo de Jair Renan. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/filhos-de-bolsonaro-racham-apos-escandalo-de-jair-renan#google_vignette>. Acesso em: 22 jul. 2023.

WWF-BRASIL. Desmatamento aumenta o custo das mudanças climáticas para o agronegócio. 2022. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?84320/Desmatamento-aumenta-o-custo-das-mudancas-climaticas-para-o-agronegocio>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

Artigo Recebido em: 17 de março 2024.
Artigo Aprovado em: 05 de agosto de 2024.